

JORGE LUÍS DE FREITAS LIMA

**ORALIDADE E COTIDIANO:
FALARES FRONTEIRIÇOS EM BENJAMIN CONSTANT-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, área de concentração Processos Socioculturais na Amazônia.

BENJAMIN CONSTANT

2014

Ficha Catalográfica

Biblioteca do Instituto de Natureza e Cultura, Benjamin Constant - Am.

L732o LIMA, Jorge Luís de Freitas
Oralidade e cotidiano: falares fronteiriços em Benjamin Constant – AM. /
Jorge Luís de Freitas Lima. 2014.
105 f.; il. color; 31 cm.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosemara Staub de Barros.
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)

1.Semiótica. 2. Comunicação. 3. Falares Fronteiriços. I. BARROS,
Rosemara Staub de, orientadora. II. Título.

CDU 81'1:82(043.3)(811.3)

CDD 800

JORGE LUÍS DE FREITAS LIMA

**ORALIDADE E COTIDIANO:
FALARES FRONTEIRIÇOS EM BENJAMIN CONSTANT-AM**

Aprovado em:

Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub de Barros (Presidente)
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

Prof.^a Dr.^a Marilene Corrêa da Silva Freitas (Membro)
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

Prof.^a Dr.^a Artêmis de Araújo Soares (Membro)
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

Prof.^a Dr.^a Renilda da Costa (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

Prof.^a Dr.^a Selda Vale da Costa (Suplente)
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

Que se produza o milagre, como ocorre de vez em quando; que, de um lado e outro da rachadura secreta surjam par a par duas verdes plantas de espécies diferentes, cada uma escolhendo o solo mais propício; e que no mesmo momento se percebam na rocha duas amonites de involuções desigualmente complicadas, comprovando a seu modo uma distância de algumas dezenas de milênios: de repente, o espaço e o tempo se confundem, a diversidade viva do instante justapõe e perpetua as eras. O pensamento e a sensibilidade atingem uma dimensão nova em que cada gota de suor, cada flexão muscular, cada arfar tornam-se outros tantos símbolos de uma história cujo movimento próprio meu corpo reproduz, e cujo significado, ao mesmo tempo, meu pensamento abarca. Sinto-me banhado numa inteligibilidade mais densa, em cujo seio os séculos e os lugares se respondem e falam linguagens afinal reconciliadas. (Lévi-Strauss)

DEDICATÓRIA

A senhora, mãe querida, mulher de fibra que não mediu esforços para prover meu sustento;

Mãe guerreira, que enfrentou todos os obstáculos para garantir com garras, dentes e muito esforço físico a minha instrução escolar;

Mãe coragem, que enfrentou sozinha, por um longo tempo, a árdua tarefa de educar seus filhos;

Mãe companheira, que não arredou o pé um só minuto do meu lado nos momentos difíceis, o que certamente não me permitiu esmorecer nas vezes em que o fantasma da desistência cruzou a minha caminhada;

Mãe rainha, a quem quero presentear com a coroa do meu sucesso:

TEREZINHA DE FREITAS LIMA

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, pelas experiências e pelo aprendizado.

À minha orientadora, Professora Dr^a Rosemara Staub de Barros, por compartilhar comigo o desafio de trilhar áreas do saber até então por mim desconhecidas e que só com o seu apoio consegui fazê-lo com segurança e foi possível a conclusão de mais esta etapa da minha vida acadêmica. Agradeço ainda, por oportunizar que se processasse em mim uma transformação epistemológica que muito contribuiu para que eu olhasse para o mundo de uma forma mais múltipla e significativa. Minha gratidão pelas palavras de ânimo nos momentos difíceis e pela prontidão na acolhida e no acompanhamento do desenrolar deste projeto de vida.

Aos companheiros de jornada, que embora distantes se fizeram sempre presentes em pensamentos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia por compartilharem seus conhecimentos de forma tão eloquente e motivadora.

Aos meus queridos alunos do Instituto de Natureza e Cultura - INC da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, uma das razões desta caminhada.

Ao amigo Sérgio Nunes de Jesus (Trem) pela costumeira disponibilidade e companheirismo.

RESUMO

As pessoas utilizam diversos meios de comunicação a todo o momento durante a extensão de suas vidas, no entanto, não se perguntam como se dá esse processo. Sabe-se, porém, que a forma como os indivíduos falam e a diferenciação de como falam, ocorrem de acordo com a cultura na qual os indivíduos em questão estão inseridos. Para melhor ilustrar essa situação, o trabalho aqui presente apresenta em seu conteúdo o campo semiótico da Feira Municipal da cidade de Benjamin Constant (MA) – cidade habitada por diversas etnias indígenas, além de peruanos e claro, brasileiros - com o objetivo de Investigar as influências socioculturais no uso da oralidade pelos agentes envolvidos nas relações comerciais na feira municipal de Benjamin Constant-AM e a implicação disso para a compreensão de como se caracteriza o processo comunicativo numa região de fronteira, tendo como base de estudo teórico autores como: Bordieu (2009); Certeau (2012); Geertz (1989); Hall (1997); Machado (2007); Matos (2001) e Martins (2002). Nessa perspectiva, utilizou-se a etnografia enquanto método de investigação, o que nos possibilitou mostrar por meio de depoimentos e observação participativa que a linguagem influencia a vida dos seres humanos, mostrou-se o quão importante ela é e que, mesmo com muitas variedades linguísticas existentes no planeta, há sempre a possibilidade de comunicação e que por força dos contatos em região de fronteira - possibilidades diversas de comunicação podem ser “engendradas”. O que se constatou na feira municipal de Benjamin Constant quando para superar as dificuldades comunicativas resultantes das diferentes línguas em contato, substituiu-se a oralidade por práticas corporais.

Palavras-chave: Semiótica. Comunicação. Falares Fronteiriços.

ABSTRACT

People use various means of communication at all times during the length of their lives, however, do not ask how this process. However, it is known that how individuals speak and the differentiation of which they speak, occur according to the culture in which the individuals in question are inserted. To better illustrate this situation, the work here this shows in its content the semiotic field of the Fair city of Benjamin Constant (MA) - city inhabited by various indigenous ethnic groups, as well as Peru and clear, Brazilians - with the objective of investigating the cultural influences on the use of the orality by agents involved in trade relations in the fair city of Benjamin Constant-AM and the implication of this for the understanding of how does the communicative process in a frontier region, having as a basis for theoretical study authors as: Bordieu (1999); de Certeau (2012), Geertz (1989); Hall (1997); Machado (2007); Matos (2001) and Martins (2002). From this perspective, we used the ethnography as a method of research, which enabled us show by means of interviews and participant observation that the language influences the life of human beings, was how important it is and that, even with many varieties existing language on the planet, there is always the possibility of communication and that by virtue of contacts in border region - several possibilities of communication can be "engendered". We noted in the fair city of Benjamin Constant when to overcome communicative difficulties resulting from the different languages in contact, replaced the orality of bodily practices.

Keywords: Semiotics. Communication. Speaker Border.

QUADRO DE IMAGENS

Imagem 1	20
Imagem 2	43
Imagem 3	45
Imagem 4.....	49
Imagem 5.....	64
Imagem 6.....	65
Imagem 7.....	66
Imagem 8.....	67
Imagem 9.....	69

QUADRO DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População Ticuna (%).....	73
Gráfico 2 – Amostra da população em Geral (%).....	74
Gráfico 3 – Distribuição das “acomodações” da Feira Municipal de Benjamin Constant.....	77
Gráfico 4 – População da feira	78

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. BENJAMIN CONSTANT-AM: ELEMENTOS RELEVANTES.....	17
1.1. E por falar em cultura.....	26
2. ORALIDADE COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO.....	30
2.1. Conceito de Fronteira.....	31
2.2. Enfoques linguísticos em decorrência dos contatos	35
2.3. Relações de poder decorrentes dos contatos linguísticos.....	39
2.4. Fronteira Brasil e Peru	48
2.5. Semiosfera e suas representações.....	53
3. RECONHECENDO E INTERPRETANDO O ESPAÇO.....	63
3.1. A feira municipal de Benjamin Constant: contextualização histórica, caracterização, funcionamento e importância socioeconômica	63
3.2. Quantos e quem somos? De onde viemos? Como fazemos? Caracterização dos agentes que por meio da oralidade constituem diferentes relações na feira municipal.	66
3.3. A população da Feira em contato – interpretando as ocorrências de comunicação.	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	90
Anexo 1 - Transcrição	90
Áudio 1 - Entrevista informante 1	90
ANEXO 2 - Transcrição	96
Áudio 2 – Entrevista informante 2	96

INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa foi investigar as influências socioculturais no uso da oralidade pelos agentes envolvidos nas relações comerciais na feira municipal de Benjamin Constant-AM e a implicação disso para a compreensão de como se caracteriza o processo comunicativo numa região de fronteira. Sabemos que não é tarefa simples, pois a compreensão desse processo implica no conhecimento da constituição etno-histórica do município, além de ser preciso lidar com os plurissignificativos conceitos de fronteira e de cultura na busca da compreensão de como convivem as diferentes identidades culturais em um local em que as fronteiras sócio-econômicas e culturais são constituídas pelas práticas que se realizam no cotidiano.

O uso dos vocábulos e sua origem são resultantes de contatos de diferentes ordens: povos distintos e falantes de línguas diferentes. Os vocábulos assimilados, emprestados ou ressignificados resultantes desses contatos se propagam a partir das interações humanas e uma vez aceitas pela comunidade de falantes, passam a incorporar o vocabulário geral dessas línguas (GUILBERT,1975). E quando esses contatos acontecem em um local caracterizado pela dinamicidade das relações do cotidiano? O que caracteriza esse lugar? Que espaço é esse? Em decorrência das relações comerciais o processo comunicativo se modifica? Especificamente no caso da proposição desta pesquisa procurou compreender como se constitui o cotidiano da oralidade nesse espaço social e responder como se constituem as relações culturais que estão intrínsecas nessa economia que aqui denominaremos de 'economia de fronteira'.

Como forma de compreender a multiplicidade de relações linguísticas e culturais estabelecidas num ambiente caracterizado pela diversidade dos contatos, buscamos fundamento no conceito de 'semiosfera' de Yuri Lotman (1981), na busca da compreensão das consequências desses contatos, numa perspectiva dialógica de (Bakhtin, 1997) e considerando a dinamicidade desses 'encontros culturais'. Ainda, nessa perspectiva, apresentamos o conceito de 'choque cultural' e suas

formas de manifestação para chegarmos ao que se propõe nos estudos da semiosfera, referindo-se a esses ‘choques’ como ‘convivência das diversidades’.

Segundo Turazza (2005), as palavras são uma produção humana a quem não se pode atribuir autoria e, portanto, não são de propriedade de ninguém, transitam livremente pelo mundo e, quando em situações de contato, contribuem não somente para a formação do léxico de uma língua, mas levam consigo elementos sócio-histórico-culturais dos falantes que delas fazem uso. Nesse sentido, não há como escapar da necessidade de se conhecer de que forma as identidades culturais são construídas no interior dessas representações. Sendo assim, partiremos do entendimento de que as marcas de identidade cultural se apresentam como formas de reação a qualquer tentativa de homogeneização sociocultural, permitindo-se, cada grupo a seu modo, evidenciar as suas diferenças dentro de um todo. Mesmo porque as identidades não são naturais.

A realização de um estudo de investigação constitui-se de vários momentos, mas nenhum é tão significativo quanto à escolha metodológica. Nesse sentido, consideramos a adoção de uma metodologia que nos permita compreender quais os significados são atribuídos pelos sujeitos ao seu contexto: *a sua cultura*. Sendo assim, optamos pela pesquisa etnográfica por entender que a partir do encadeamento das experiências, memórias e interpretações das experiências vividas pelo sujeito em seu cotidiano é que se dá a construção da cultura: “[...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado¹.” A escolha se deu por acreditarmos que pela etnografia torna-se possível ir além da mera construção de objetos de pesquisa, pois esta permite uma visualização de plenas possibilidades de conhecimento do objeto a ser pesquisado, possibilitando ao pesquisador fazer a pesquisa ‘de dentro’, vivenciando cada etapa do processo com os sujeitos.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa empírica de natureza qualitativa em que se visualizam sujeitos imersos em um contexto caracterizado por diferentes línguas e culturas em situações de contato que, por sua vez, insere-se em outro mais amplo aqui denominado de contexto sociocultural. Nessa perspectiva, a cultura

¹ Geertz, 1989, p. 15.

deve ser entendida como uma rede catalizadora de relações que se constituem com o sujeito interligando suas possibilidades, suas lembranças e experiências vivenciadas em seu cotidiano (GEERTZ, 1989). E, uma vez que, se considera como ponto de partida as relações entre linguagem e sociedade. Torna-se necessário delimitar o objeto de estudo para que possamos trabalhá-lo melhor teoricamente. Por isso, privilegiou-se a oralidade pelo fato de a fala estar menos suscetível aos rigores impostos pelas normas da escrita, evitando-se assim que se desvie do objetivo original da pesquisa. Serão considerados fatores socioculturais, trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa com suporte nos pressupostos da pesquisa em Lima (2006) e André (2008), como consequência das situações de contato.

Para que possamos investigar as influências socioculturais na constituição do léxico de uma língua e suas implicações na identidade cultural dos agentes envolvidos nas situações de contato foi preciso situar os sujeitos pesquisados no contexto em que eram consideradas suas experiências pessoais e as resultantes dos momentos de interação, mesmo porque as influências no léxico se estendem para o campo sociocultural. Por isso, acreditamos que, as narrativas orais e depoimentos e a observação participativa são técnicas de construção de dados mais adequadas para o delineamento da pesquisa etnográfica.

Assim, adotamos como sequência metodológica, inicialmente, a pesquisa bibliográfica por meio da identificação das fontes bibliográficas que discorram sobre o objeto da pesquisa, localização das fontes e obtenção do material, leitura e fichamento do material obtido, análise e interpretação do material. E, posterior pesquisa de campo utilizando os seguintes procedimentos como a delimitação do universo a ser pesquisado. A pesquisa realizou-se na feira municipal do município de Benjamin Constant, Estado do Amazonas, Eleição de sujeitos representativos: adotamos a amostragem. Para a constituição do *corpus* da pesquisa, elegemos pessoas que tenham sempre residido na cidade de Benjamin Constant ou pelo menos a maior parte dela. Por considerar que as formas de falar, segundo Tarallo (2001), modificam-se em decorrência de fatores históricos e sociais, como critério de inclusão de informantes utilizamos duas variáveis, *nacionalidade* e *etnia*. Elegemos estas variáveis por tratar-se de pesquisa de estudo que analisou o uso da oralidade em relações comerciais envolvendo agentes de culturas diferentes num determinado ambiente em que essas culturas entram em contato. Assim, os sujeitos desta

pesquisa foram categorizados por nacionalidades e etnias distintas, dezoito pessoas, distribuídos entre brasileiros, peruanos e indígenas que participam como sujeitos nas relações comerciais na feira de Benjamin Constant-AM e que ocupam os espaços da feira municipal como feirantes vendedores, dois informantes que estão diretamente relacionados ao funcionamento da feira municipal, além do de quarenta informantes abordados aleatoriamente durante a observação participativa totalizando uma amostragem de sessenta informantes. Utilizou-se dos seguintes instrumentais: narrativas orais, depoimentos, entrevistas observação participativa e registro fotográfico.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo: Benjamin Constant: elementos relevantes apresenta em linhas gerais como se constituiu etno-historicamente o município de Benjamin Constant-AM como forma de situar geográfico-historicamente a origem dos diferentes contatos em decorrência do seu povoamento.

O segundo capítulo procura estabelecer no campo teórico como se configuram as relações entre a oralidade e o processo de comunicação como forma fundamental que nortearam a pesquisa, uma vez que, esta que tem como objeto de estudo o uso da oralidade nas relações comerciais e suas implicações para a compreensão e caracterização dos falares fronteiriços. Para tanto, apresenta a complexidade do conceito de fronteira, esclarecendo qual a concepção de fronteira adotada para o desenvolvimento da pesquisa. Esclarece sob a forma de subitens os encadeamentos conceituais que se estabelecerão entre estudos linguísticos em decorrência de contatos e sobre as relações de poder decorrentes. Encerra-se o capítulo com a fundamentação de como as inter-relações analisadas durante a pesquisa a se processaram cotidianamente no ambiente da feira municipal de Benjamin Constant-AM a partir dos estudos da Semiosfera e suas representações.

O terceiro capítulo apresenta o modo de organização do cotidiano da feira municipal em Benjamin Constant, ilustrando com fotografias e descrevendo cada situação registrada de modo a explicitar os elementos que se fazem presentes nas relações que ali se estabelecem com ênfase no uso da oralidade nas relações comerciais e suas implicações para a compreensão e caracterização dos falares fronteiriços.

Este capítulo toma forma a partir das análises das narrativas, depoimentos, entrevistas e do registro de atividades comerciais realizados pelos informantes, tendo como suporte os fundamentos de análise da pesquisa etnográfica com o objetivo de explicitar como e se ocorrem influências socioculturais por meio do uso da oralidade pelos agentes envolvidos nas relações comerciais na feira municipal de Benjamin Constant-AM na busca da compreensão de como se caracteriza o processo comunicativo numa região de fronteira num espaço social específico.

1. BENJAMIN CONSTANT-AM: ELEMENTOS RELEVANTES

Conta-nos a história que se iniciou por volta das primeiras décadas do século XVIII, o povoamento do que se constitui hoje o município de Benjamin Constant, originariamente chamado Esperança. O nome *Benjamin Constant* em substituição a *Esperança* foi uma sugestão do general Cândido Rondon ao Interventor Federal no Amazonas, capitão Nelson de Melo. A mudança aconteceu por força do Ato de 31 de dezembro de 1934.

A origem do município está ligada a exploração e colonização portuguesas. Em 1750, a aldeia do Javari, fora fundada pelos jesuítas nas proximidades da foz do rio Javari, no Alto Solimões, motivo pelo qual, recebeu a denominação “Javari”. Nesta mesma aldeia, conforme a Carta Régia, de 03 de março de 1755, emitida pelo Governo Português endereçada ao senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Grão-Pará, aconteceria à instalação da Sede da Capitania de São José do Rio Negro.

Consta da história da exploração e catequese dos índios do Amazonas que os jesuítas, levados pelo seu sonho de cristianização dos povos bárbaros desta parte da antiga colônia, fundaram uma aldeia, onde puderam congregar os Ticunas, que se multiplicavam nas margens do Solimões. Essa aldeia teve assento 24 léguas acima da missão de São Paulo dos Cambebas, hoje São Paulo de Olivença. Com a retirada dos discípulos de Loiola, passaram a administrá-la os religiosos Carmelitas (JOBIM, 1943, p. 07).

O documento oficial emitido pelo Governo Português concedia ao então governador do Grão-Pará, plenos poderes para estabelecer os limites territoriais da nova Sede da Capitania. No entanto, contrariando justificadamente as determinações do governo português, Mendonça Furtado resolveu sediar a capitania na Aldeia de Maruá no Rio Negro.

Mendonça furtado, ao invés de fundar a vila no Javari, como era pensamento do governo da metrópole, mudou de alvitre, e foi instalar a sede do governo da Capitania no arraial de Mariuá, que elevou à vila, com o nome de Barcelos, em 6 de Maio de 1.758 (JOBIM, 1943, p. 8).

Em 1757, por força de decreto, o governo português batizou a nova sede da Capitania de São José do Javari, subordinando-a ao governo do Pará. Esse mesmo decreto (Decreto de 18 de julho de 1757) nomeava para governar a Capitania, o senhor Joaquim de Melo e Póvoas que em virtude de assumir a patente de coronel em 1758, utilizou-se dos benefícios desse poder ao assumir o governo da Capitania mantendo a denominação de São José do Rio Negro.

Com a não instalação da sede da Capitania no Javari, o que parecia uma proposta de desenvolvimento, caiu no esquecimento. Assim, em 1854, a aldeia dos “Tecunas” fora reduzida a uma tapera, segundo Jobim (1943) com base no testemunho de Wilkens de Matos.

Uma das consequências desse ‘esquecimento’ foi o tardio conhecimento da região do Javari pela exploração de seu território.

De acordo com Torquato (1895), os exploradores que procuravam extrair as drogas do sertão evitavam navegar nas águas do javari em decorrência dos constantes ataques do que chamavam de ‘hordas selvagens’, referindo-se aos índios Majurunas. Além disso, as doenças, moléstias e pestes como eram chamadas, era outro fator que dificultava a vida daqueles que se aventuravam pelo Javari.

Para se ter uma ideia da visão assustadora que se tinha desses índios, transcrevemos um trecho citado por Jobim (1943), da obra “Viagem pelo Brasil”, Tradução de D. Lúcia Furquim:

Eles não reconhecem a supremacia espanhola nem a portuguesa, diz Von Martius, anotando a Soix, e são perigosos para os viajantes brasileiros do Javari, assim como para os espanhóis do Uca-lale. Falam língua própria, de entonação muito sonora e dura. Usam cabeleira comprida, com tonsura nas têmporas. Furam o nariz e os lábios, onde metem compridos acúleos, e, junto aos cantos da boca, enfiam duas penas de arara. No lábio inferior, narinas e lóbulos das orelhas, soem trazer discos talhados em conchas. Esse aspecto apavorante corresponde à barbaria de seus costumes; pois não se satisfazendo com comer a carne do inimigo abatido, matam e comem os próprios velhos e doentes de sua tribo, sem poupar pai ou filhos nas doenças graves, antes que o doente emagreça.

Com o passar do tempo e com a superação de algumas das dificuldades a região do javari passou a ser parcialmente explorada. No entanto, os viajantes que

trabalhavam com a negociação das drogas do sertão, limitavam-se navegar apenas nas regiões onde havia aldeias.

A região que constitui o município de Benjamin Constant pertencia ao município de São Paulo de Olivença. Muito insatisfeitos com a exploração pelo pagamento de altos valores em tributos sem que recebessem qualquer atenção ou benefício de São Paulo de Olivença, os habitantes da região de Benjamin Constant recorriam constantemente junto ao governo para que tomasse alguma providência. A resposta do Governo às constantes reclamações veio sob a forma da Lei nº 191, de 29 de janeiro de 1898 que separou de São Paulo de Olivença “toda a margem brasileira do Javari”, criando o município de Benjamin Constant, bem como o termo judiciário com sede em Remate de Males.

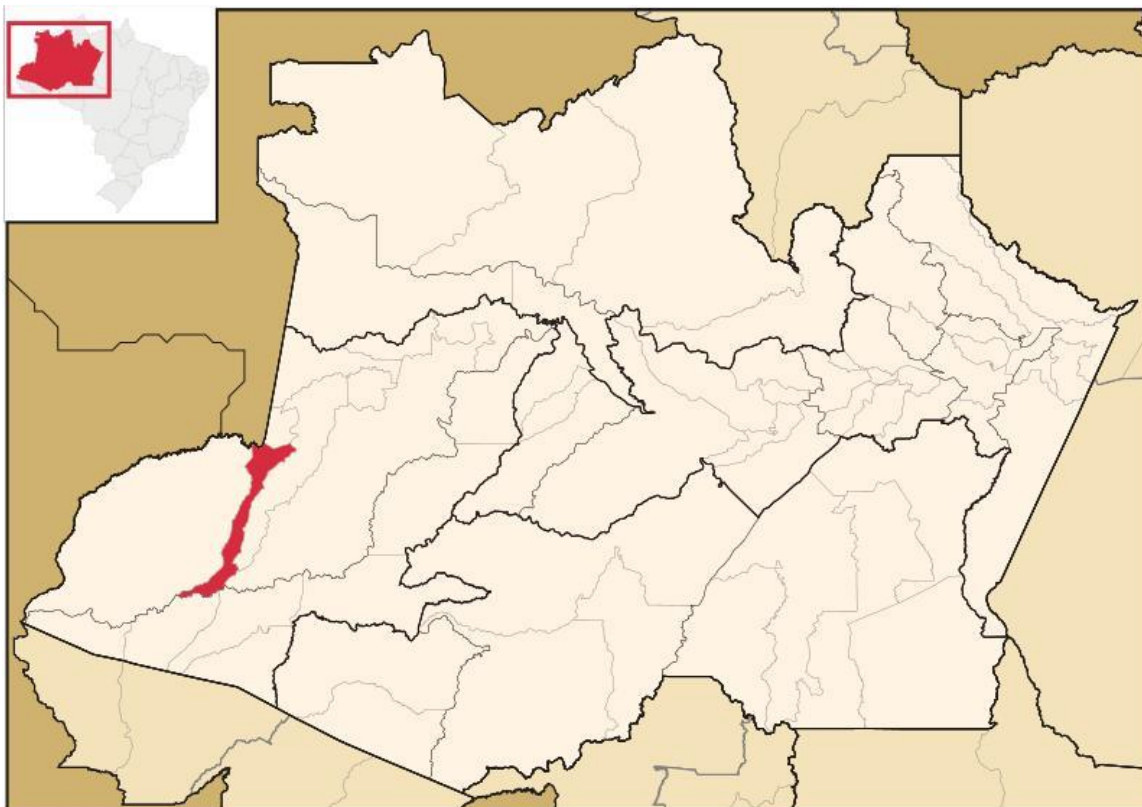
A “independência”, no entanto, durou pouco. Insatisfeitos com a decisão do Governo de Fileto Pires Ferreira em desmembrar a região de Benjamin Constant de São Paulo de Olivença, os políticos resolveram intervir utilizando suas influências junto ao governador, conseguiram que o novo município fosse extinto em 4 de fevereiro de 1901.

Do mesmo modo, os moradores da região de Benjamin Constant, não desistiram de suas ideias de se tornarem independentes e continuaram com suas reclamações e reivindicações junto ao governo. Tanto o fez que por força de Lei e em caráter definitivo, em 02 de setembro de 1904, pela Lei nº446, tiveram reestabelecida a existência daquela entidade político-administrativa, com a manutenção do nome de Benjamin Constant, bem como a restauração do termo judiciário em Remate de Males. Tudo isso, no governo do general Antonio Constantino Neri.

O território de Benjamin Constant foi ampliado em 1913 determinando a lei que passasse a pertencer ao município “todo o território a montante da nascente do Igarapé Neuaca, descendo pela margem desse igarapé até a sua foz no rio Solimões, e daí por uma linha divisória do Brasil com a República do Peru.

Atualmente possui as seguintes limitações com os municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Ipixuna, Eurinapé, Jutai, Atalaia do Norte e com a República do Peru.

Imagem 1 - Localização do município de Benjamin Constant-AM.



Fonte: Wikipedia.

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Amazonas_Municip_BenjaminConstant.svg
Acesso em 20/12/2013.

A população de Benjamin Constant era formada inicialmente por povos indígenas e, em sua maioria, caboclos ou filhos de nordestinos, em decorrência da exploração da borracha por seringueiros, vindos do nordeste. Não se pode, no entanto, deixar de mencionar a presença portuguesa no início do povoamento da região.

Os primeiros povoadores, certamente, foram os indígenas. Depois vieram os portugueses, que construíram o forte de Tabatinga. Com a vinda dos nordestinos, que se colocaram no rio Javari e seus afluentes no começo do XIX século, as tribos indígenas foram recalcadas para o interior. As hordas ainda existentes no município estão localizadas em diferentes pontos do território, notadamente nos igarapés Umariassú e Crajari, no rio Solimões – os Ticunas; nos rios Curuçá e Ituí – os Maias; nos rios Itecoaí e Javari – os Marubas, e outros clãs, cujas denominações não são conhecidas. Exceto um ou outro grupo internado muito no centro, que ataca os seringais e os barracões, as outras tribos estão semi-civilizadas (JOBIM, 1943, p. 15).

Com o passar do tempo, em final do século XIX e início do século XX, em virtude da abundância de seringais, o município passa a ser alvo de forte interesse econômico atraindo para seu território pessoas de diversas origens.

O município possui em abundância a seringueira (*Symphonia Elastica*). É uma região opulenta desses madeiros e de outros inúmeros vegetais úteis. Daí a corrente imigratória que se operou. Em poucos anos a população de Benjamin Constant cresceu extraordinariamente, sendo o objetivo principal dessas ondas imigratórias a borracha e a salsa. Construíram-se muitas barracas pelo interior, ao lado das quais surgiam as plantações. Em 1903, a população do município elevava-se a mais de 20 000 habitantes [...] (JOBIM, 1943, p. 18).

Atualmente, a população de Benjamin Constant constitui-se por indígenas de diferentes etnias (*kokama, marubos, tikunas*), com um número significativo de pessoas nascidas no local, mas também conta com um número significativo de migrantes de diversas partes do Brasil, em decorrência da instalação desde 2006, do *Campus*, da Universidade Federal do Amazonas, na cidade. Outro aspecto considerável na constituição da população é a presença de peruanos, não apenas em circulação em decorrência das relações de diversas ordens pela localização na fronteira, mas o fato de muitos deles residirem no lado brasileiro, inclusive com estabelecimentos comerciais.

Como consequência dessa diversidade, a multiplicidade de contatos é uma constante no cotidiano da cidade de Benjamin Constant. Línguas e culturas diferentes coexistem e compartilham o mesmo espaço rotineiramente. Um dos locais em que essas situações de contato é a feira municipal onde um verdadeiro “caleidoscópio linguístico e cultural” se desenha diariamente.

Dadas as diversas possibilidades de abordagens em relação às diversas relações que se constituem em decorrências desses contatos e para não correremos o risco de nos desviarmos de nosso objetivo, concentraremos nossos esforços nas questões da linguagem, especificamente na fala dos agentes das relações comerciais que se estabelecem na referida feira.

Benjamin Constant apresenta uma economia basicamente movimentada pelos recursos resultantes do serviço público municipal, estadual e federal e de programas sociais, destacam-se nesse contexto: o comércio varejista que, notadamente, possui um número significativo de comerciantes peruanos em solo

brasileiro; a atividade agrícola, embora não tão representativa economicamente, apresenta algumas peculiaridades: a maioria dos produtos agrícolas (banana, macaxeira, abacaxi, etc.) produzida no município é cultivada por peruanos, por indígenas nas comunidades, e por moradores costumeiramente chamados ribeirinhos. A comercialização dos produtos acontece na feira municipal. A forma de organização do espaço de trabalho, a língua, o modo de vestir e se comportar apresentam situações de constantes contatos entre culturas diversas. Surgiu a partir daí o interesse em conhecer como essas relações se estabelecem e quais as consequências desses “choques culturais”.

Embora a pesquisa nesta área seja vasta a proximidade de uma tríplice fronteira oportuniza a possibilidade de um olhar minucioso e diferenciado, sobre um objeto de estudo muito peculiar: o modo de falar dos benjaminenses que residem na zona urbana de Benjamin Constant. Mas não nos preocupamos com qualquer momento de uso desse falar. Interessou-nos o falar produzido nas relações comerciais que se constituem no cotidiano da feira municipal do município. E esse interesse se justificou pela necessidade de se compreender de que forma a organização da economia local se relacionava com os agentes do processo econômico de forma a influenciar nas práticas do cotidiano constituídas a partir do uso da oralidade, principalmente pelo fato de o conceito de mercado ser resultante de uma construção sócio-cultural.

Sabe-se da existência de pesquisas sobre as línguas indígenas na região, a exemplo dos estudos da professora Marília Facó (UFF) sobre a língua Tikuna, e também sobre o falar caboclo, e sobre as línguas na Amazônia do professor José Ribamar Bessa Freire (UERJ), mas geralmente os estudos são desenvolvidos no campo da linguística. Não se tem, no entanto, conhecimento de estudos específicos sobre a dinamicidade do uso do falar urbano benjaminense especificamente em relações comerciais, daí a relevância da pesquisa.

Tal relevância vincula-se à importância da língua no contexto social, principalmente na atualidade em que o processo comunicativo ocupa papel de destaque, uma vez que oportuniza aos falantes de uma comunidade o fortalecimento de suas relações, constituindo o seu modo de falar um traço de sua identidade cultural. Conhecer, portanto, o modo como as pessoas se comunicam e a implicação disso na constituição de suas práticas cotidianas, é uma das formas se

compreenderem como se realizam outras questões sociais, uma vez que, conforme Preti (2000) “a língua pode ser entendida como manifestação da vida em sociedade”, bem com a compreensão de “como se estrutura o pensamento de certas comunidades, bem como a forma como elas articulam linguisticamente sua realidade em consonância com sua cultura e sistema de vida”.

Pesquisar questões referentes aos usos da língua constitui-se um desafio dadas as especificidades que se apresentam por lidarmos com seres humanos. Sua realização é imprescindível para se compreender a natureza humana e suas relações sociais. Por compreender a face verbal da linguagem como sendo a mais significativa dentro da proposta sugerida nesta pesquisa e por concordar com Borba quando afirma que “a linguagem é o mais eficiente instrumento de ação e interação social de que o homem dispõe” (1998, p. 2) - é por meio da linguagem que o homem estabelece suas relações com o exterior. Essas relações evidenciam o quanto se torna importante compreender como se aproximam língua e sociedade. Sendo assim, as ações humanas ligam-se diretamente às estruturas da língua e conseqüentemente à dinamicidade da linguagem (ELIA, 1987).

Isso significa que as diferentes formas de falar estão condicionadas a fatores linguísticos e históricos relacionados à região em que a língua é utilizada. Daí a sua importância enquanto instrumento de integração social, pois é o elemento fundamental que possibilita ao indivíduo interagir no meio social em que atua. Quando postas em contato, cada língua traz consigo um repertório que cambiam entre si, gerando modificações de natureza sócio-histórica e cultural. Para se compreender as questões levantadas adotamos os pressupostos dos estudos da semiosfera².

Há num único sistema linguístico, dados infinitos que inviabilizam a compreensão de uma língua na sua totalidade, mesmo porque todo sistema linguístico é vivo e evolui constantemente. Quando se sabe algo sobre ela, dezenas de outros novos fenômenos estão acontecendo simultaneamente. Alteram-se estruturas léxico-gramaticais e surgem novos sentidos para velhas palavras cujos

²Semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos. Fora dele, no entender de Lotman, nem os processos de comunicação, nem o desenvolvimento de códigos e de linguagem em diferentes domínios da cultura seriam possíveis. Nesse sentido, semiosfera é o conceito que se constituiu para nomear e definir a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas e, assim, construir uma teoria crítica da cultura.

significados desgastados pelo tempo já caíram em desuso. E assim flui este complexo emaranhado de códigos a que denominamos língua.

Para Saussure (1998, p. 221), “o que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou de um distrito a outro”. Assim, pretendeu-se identificar indícios que possibilitassem compreender se havia alguma modificação no falar urbano de Benjamin Constant em decorrência de situações de contato e se as modificações ultrapassavam o campo da língua. Além do mais, propunha-se compreender as relações socioculturais estabelecidas entre os protagonistas das relações comerciais que se processam na feira municipal de Benjamin Constant em decorrência de a cidade estar situada geograficamente numa região de fronteira.

Trabalhar com o conceito de fronteira exigiu alguns cuidados em virtude das modificações que o seu significado foi sofrendo desde a sua origem histórica, o termo latino *fronteria* (*frontaria*) que originariamente significa “a parte do território que fica nas margens (*in fronte*)”. Pensar em fronteira quando se faz referência a diferentes culturas em contato, não se pode pensar meramente em limites ou divisas territoriais. Isto porque, nesse caso, há um conjunto de elementos que põem em evidência uma área de conexão que se estabelece entre interesses bilaterais de diferentes naturezas: linguística, econômica, política e cultural. No caso específico desse objeto de estudo, enfatizando-se os interesses socioculturais que se manifestam por meio da comunicação na fronteira e suas formas de representações das diferentes identidades culturais. São essas formas de identidade que constituem os sujeitos e os posicionam na realidade social, justificando-se a relação entre identidade e cultura como construção social.

O que denominamos nossas identidades poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo formada culturalmente. Isto, de todo modo, o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas (HALL, 1997, p. 26).

Nessa perspectiva, a fronteira deixa de ser um limite e passa a se constituir em possibilidades. O homem torna-se, então independente pela criação de suas próprias fronteiras. Quando ultrapassa fronteiras físicas, territoriais, há a exigência

de mudanças comportamentais em decorrência das exigências legais de cada território. Quando, no entanto, em um mesmo local as culturas se encontram, esse conceito de fronteira é relativizado.

A fronteira é, a um só tempo, área de separação e aproximação, linha de barreira e espaço polarizador. É, sobretudo, um espaço de tensões, de coexistência das diferenças e do estabelecimento de novas realidades socioculturais. Do ponto de vista político a fronteira é uma faixa, uma muralha da China, um corte imposto, a ser atravessado e derrubado como decorrência da visão contemporânea, que estimula a formação de blocos econômicos supranacionais (CASTELLO, 1995, p. 18).

O município de Benjamin Constant foi colonizado por diferentes povos advindos de diferentes lugares e culturas. Além disso, faz divisa com o Peru, e está muito próximo ao território da Colômbia, países em que o idioma é o espanhol e possuem diferenças culturais significativas em relação ao Brasil. Uma das atividades econômicas mais significativas é a comercialização de produtos da agricultura na feira municipal. Destaque-se o alto índice de produtores peruanos que vendem seus produtos na feira municipal, juntamente com produtores da etnia tikuna e de um número menor de não-indígenas. Essa diversidade étnica, linguística e cultural cria um ambiente propício ao estudo das práticas realizadas por eles no cotidiano como forma de compreender como se constituem as relações nesses níveis a partir do uso da oralidade.

Historicamente traz uma quantidade significativa de fatos com implicações diretas na constituição das línguas e da cultura amazônicas, como nos esclarece Freire:

[...] O quadro atual de línguas amazônicas já é o resultado de mudanças radicais, ocorridas nos últimos quatro séculos – período em que muitas línguas foram extintas, outras tiveram seu número de falantes reduzido e outras, de origem europeia, foram introduzidas na região e tornaram-se hegemônicas, conforme demonstra a documentação histórica (FREIRE, 2004, p. 48).

O fenômeno da pluralidade linguística e cultural na região amazônica tem implicações significativas para as situações de contato e nos interessam para a compreensão do modo de falar das pessoas em virtude desses contatos. A esse respeito Batista assevera:

Culturalmente, as Amazônias também diferem muito, começando pela língua. Cinco idiomas são falados (além do *quíchua* dos Andes): português,

espanhol, inglês, holandês e francês. O português é a mesma língua abraçadeira, que ficou no País da cultura lusitana; mas o espanhol é mais o castelhano, que os brasileiros entendem perfeitamente, sem que a recíproca seja verdadeira (ninguém entende o português, ao falarmos nos países limítrofes) O inglês, o holandês e o francês das antigas Guianas têm uma versão crioula muito típica (BATISTA, 2007, p. 43).

1.1. E por falar em cultura

Ao se fazer uso do termo cultura corre-se o risco de se perder dado o seu caráter plurissignificativo uma vez que muitas são as áreas do saber que fizeram uso da cultura para que fosse compreendido como se processam as suas relações, a exemplo das próprias ciências sociais.

Não se pode atribuir a tudo a denominação de cultura, no entanto, quando se faz referência a ela, são indispensáveis a compreensão de outros termos como identidade, representação e regulação o que, na concepção de Hall, seria impossível se construir um conceito de cultura sem considerá-los como um conjunto que se inter-relaciona.

Entendemos na perspectiva desse trabalho a cultura como algo que extrapola a vida com a função de estabelecer uma espécie de mediação na evolução processual da sociedade. Isso significa dizer que para compreendê-la necessariamente é preciso considerar três aspectos: o conhecimento de mundo; as raízes históricas e o desenvolvimento tecnológico das sociedades (THOMPSON, 2002).

As experiências acumuladas pelo indivíduo durante a sua vida é o que irá nortear o seu modo de vida e influenciar na construção do seu modo de pensar. Ele é resultante das vivências em diferentes ambientes sociais. A partir do nascimento, e segundo algumas teorias mais recentes, ainda na vida intrauterina, o ser humano é bombardeado por informações e está sempre em situações de contato com seus semelhantes. Essas informações e esses contatos são os responsáveis pela constituição social do indivíduo. Todo esse processo de transmissão e aprendizado torna-se possível pela habilidade que torna o homem um ser único: o uso da linguagem. É por meio dela que todas as informações são trocadas e as “mutações” em decorrência delas acontecem. Isso tudo caracteriza o conhecimento de mundo mencionado.

O modo como o indivíduo constrói a sua experiência de mundo tem implicações significativas para a sua atuação no meio social em que vive é pela convivência que se constrói o senso de reconhecimento do outro. É pelas trocas que se estabelecem os limites da coabitação de espaços e é pelos contatos que se evidenciam as diferenças e se constroem ou não as relações de convivência harmônica. Mas é nesse ambiente de diversidades que se processam as transformações de diversas ordens e, principalmente, no âmbito da linguagem e em sua carga cultural. É nesse universo de diversidades que se constituem simbolicamente os tipos humanos e sociais. Isso acontece porque os indivíduos quando em grupos, tendem a responder de forma diferenciada às situações que surgem em decorrência dos contatos pelo fato de estarem frente a frente diferentes conhecimentos de mundo. E, em bora cada um tenha o seu não se desconsidera o que se torna coletivo em decorrência dos contatos. Isso se torna relevante porque na convivência coletiva existe uma “energia simbólica” em que por mais que cada um traga consigo um conhecimento particular e que se evidencia como representação coletiva é o que aproxima os diferentes tipos de sujeito e não o que os diferencia.

O outro aspecto a que se fez referência está relacionado a tudo que caracteriza os indivíduos relacionados à sua origem como vínculos familiares, local de origem, a língua, a religião, valores e crenças. É o que permite estabelecer vínculos entre os indivíduos de uma geração a outra. Donde se infere que esse aspecto relaciona-se diretamente ao contexto histórico e político em as diferentes formas de cultura se exteriorizam. São elementos que, mesmo com as transformações ocorridas em decorrência de experiências vividas permanecem em essência como forma de identificação étnica ou social; é o aspecto relacionado às raízes históricas.

A compreensão do aspecto relacionado ao desenvolvimento tecnológico das sociedades tem sua relevância para que se entenda como se processou no tempo a transmissão de conhecimentos: seu registro e circulação social e de que forma esse conhecimento passou ao domínio da humanidade. Mais uma vez, a importância da linguagem se evidencia, uma vez que por meio dela se possibilitou o registro das informações que passaram a constituir o registro da história das civilizações por meio de suas mensagens e dos conteúdos simbólicos nelas codificados.

Quando indivíduos codificam ou decodificam mensagens, eles empregam não somente as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais que eles trazem para apoiar o processo de intercâmbio simbólico. Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem e relacionam com elas e as integram em suas vidas (THOMPSON, 2002, p. 29)

Assim, a concepção de cultura adotada neste trabalho vincula-se à compreensão das manifestações culturais a partir das relações que se estabelecem entre os três aspectos mencionados.

1.2. Encontros e contatos

Para Bourdieu (2009) o processo comunicativo tem um efeito muito significativo nas relações sociais por entender que nas situações de “fala” não ocorre à mera transmissão de informações desprovidas de valor, mas que se constitui num importante elemento de interação estruturado socialmente. Assim, acredita-se que os sujeitos falantes se colocam em situação de comunicação num ambiente em que as posições sociais já se encontram estruturadas, evidenciando dessa forma, o caráter de propagação e manifestação de poder do ato comunicativo.

No interior das sociedades, pelo acompanhamento de diferentes trabalhos de pesquisadores que discutem as relações entre linguagem e relações de poder os princípios estabelecidos por Bourdieu se evidenciam. No entanto, quando se trata de situações em que sociedades diferentes se encontram outras questões se apresentam, mesmo porque a situação de contato oportuniza novas possibilidades. É preciso então, compreender a dimensão do termo contato que se utilizará nesse contexto.

Não é tarefa simples definir contato numa perspectiva linguística. Para isso seria preciso, segundo Appel & Muysken (1996), “definir natureza, a escala e o grau desse contato e determinar quem entra em contato com quem: indivíduos, famílias, comunidades ou sociedades inteiras”. Como não é o propósito dessa investigação enveredar tão profundamente nessa temática. Limitar-se-á à compreensão e análise das condições históricas e sociais desse contato. Assim, será adotada a concepção

de contato descrita por Fernández (1998) como “dos o más lenguas cualesquiera em uma situação cualquiera”.

2. ORALIDADE COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

É fato que a língua de um país é mais que uma forma de comunicação. As marcas orais são também uma forma de salientar as diferenças existentes dentro de um todo, no caso, dentro de um país ou uma região. Funciona como uma espécie de fronteira entre uma cultura e outra, modos de vida diferentes, o que acaba tornando as culturas em si mais valorizadas e reconhecidas perante os outros povos.

Sendo assim, é claro que cada país adota uma representação de símbolos e gestos para si, o que segundo Santos (2008)³ ajuda de modo significativo na construção de uma identidade na qual a comunidade existente dentro desse sistema sente-se incluída, pois um grande número de pessoas possui as mesmas características culturais comuns, as quais não nascem com os indivíduos, essas características são construídas durante o período de vida. Logo, regiões que possuem fronteiras com outros países são de importância para estudos sócio-linguísticos e culturais, uma vez que nessas áreas há o contato frequente da população que ali vive com duas culturas orais distintas. Logo, a oralidade nessas áreas está viva em forma de resistência, integração, conflitos além da qualidade identitária.

Em relação aos possíveis conflitos causados pela oralidade como definidora de fronteiras, Banducci Junior (2010)⁴ explica que por a língua ser vista como definidora de fronteiras nacionais acaba por ganhar um status de poder, logo, uma língua se sobressai à outra causando confusão na hora da confirmação e reconhecimento de identidade.

Sobre esse contexto, podemos entender que as fronteiras geográficas são por muitas vezes determinadas através do meio adotado respectivamente nas regiões fronteiriças, as questões sociais acabam se tornando determinante nesse sentido:

De qualquer modo, mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua

³SANTOS, Gláucia Felismino dos. **Contato linguístico na região de fronteira Brasil/Uruguai: a entonação dialetal em enunciados assertivos e interrogativos do português e do espanhol.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Neolatinas, 2008.

⁴BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. 2010. **Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai.** Passos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Vol. 9(3), 2010.

formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que nela habitam. As fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social. Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias – índios, espanhóis, árabes, portugueses, alemães, entre outros – o contato lingüístico é uma consequência inevitável⁵.

No entanto, Lafin⁶ aponta em seu trabalho que muitos dos estudos relacionados a esse tema são um tanto controversos. Basta lembrar que os pesquisadores têm pensamentos diferentes no que se refere aos conceitos do que seria considerada uma fronteira e ainda, a percepção dos variados tipos de línguas, levando em consideração os contatos que constroem essas variações, a identidade que as mesmas tendem a formar como já citado superficialmente acima, e variantes da língua tanto em um lado da fronteira quanto em outro, sem esquecer-se das comunidades que utilizam essas modalidades de linguagem.

Nesse sentido, para que haja uma qualidade de estudo, é válida a exposição de alguns desses conceitos, começando então pela noção de fronteira.

2.1. Conceito de Fronteira

Para entender esse conceito é importante ter bem definido em mente que limite e fronteira não são a mesma coisa. Lafin aponta que limite é uma “noção artificial, visto que é de fato a delimitação que se cria entre territórios”, ou seja, limite é a linha pela qual os povos, culturas e línguas são separados. Já a fronteira trata-se de todo o espaço incluso dentro desse limite. Garcia, In: Lafin⁷ define a fronteira como “um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com este poder quase mágico, uma fronteira pode libertar ou aprisionar. Pode antagonizar, mas pode também integrar”. Nesse mesmo sentido, outros

⁵ STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira**: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. Línguas do Brasil/ Artigos. UFSM. Centro de Artes e Letras. [online]. Acessado em Jun/2014. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a21v57n2.pdf>

⁶ LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato lingüístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

⁷ GARCIA, Fernando Cacciatore de. **Fronteira iluminada, história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)**. Porto Alegre: Sulina, 2010. In: LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato Lingüístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

autores dão suas opiniões a respeito. Rivas⁸, por exemplo, de certa forma concorda com os conceitos citados por Garcia e Lafin quando diz que:

Quando se fala de fronteira convém entender as diferenças conceituais entre espaço e território. Para Raffestin (1993), o território se forma a partir do espaço, com o tempo, depois do processo de apropriação espacial ocorre a territorialização desse espaço, nessa perspectiva “o espaço é a prisão original e o território é a prisão que os homens constroem para si.” O território apóia-se no espaço para tornar-se um local de representações e relações de produção e poder. (grifos do autor).

Rivas ainda ressalta que desde os primórdios humanos as noções que dizem respeito aos limites e fronteiras têm evoluído, mas que ainda são bastante pertinentes. Os significados adotados para ambos os conceitos são estabelecidos segundo suas funções e, hoje em dia, a função principal no uso desses termos refere-se à função legal. A autora completa dizendo que “por não ter uma conotação negativa, este conceito delimita fronteira como área no interior da qual prevalece um conjunto de instituições jurídicas e normas que regulamentam a existência e as atividades de uma sociedade política” Logo, quando levado em consideração esse conceito de fronteira surge também o sentimento e função de controle no âmbito das funções do termo. Para ilustrar esse conceito é viável citar aqui que quando se delimita uma fronteira na perspectiva legal, tem-se a obrigação à inspeção sobre a circulação de pessoas dentro da mesma, além das informações da mesma de uma forma geral.

Há também a função fiscal do termo, a qual representa um meio de proteção política e econômica aos governos vigentes e, nesse caso, faz-se presente os interesses e valores ideológicos individuais dos que estão envolvidos nessas questões. Rivas cita ainda em seu trabalho o seguinte trecho para explicar melhor a maneira como se dão os interesses econômicos quando o assunto é a divisão de fronteiras:

[...] o território apresenta uma ordem global e outra local sendo que, a primeira segue a cartilha dos organismos internacionais que ditam a intensidade dos fluxos no planeta desconsiderando os interesses locais

⁸RIVAS, Verônica Elizabeth. **Português e espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia**. I CIPLOM- Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL. PG – UFMS. Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010. ISSN - 2236-3203. p. 1-8.

numa perspectiva homogeneizante sobre o território. A segunda postula que o território na perspectiva da ordem local, se organiza através da atuação dos atores locais e permitem formas variáveis dos fluxos fixando dessemelhanças e identidades ao território. Essas formas globais e locais na organização do território quando sobrepostas amarram redes complexas de intercâmbios nas relações de interatividade econômicas.

Levando em consideração as funções citadas por Rivas, vale aqui colocar as funções citadas por Coelho, que além das anteriores atribui outras, sendo elas: função de diferenciação, uma vez que nenhuma atividade pode prescindir de um sistema de limites; função de relação, já que a fronteira estabelece um postulado de vizinhança e a temporal, levando em conta que o estabelecimento de fronteiras determina o “antes” e o “depois” de tal acontecimento.

Coelho⁹ diz que as definições de fronteira, com o passar do tempo, foram adquirindo significados que antes eram conotados como negativos e que agora são acompanhados de um conjunto de pensamentos positivos. Segundo ele, a fronteira ao invés de ser considerada uma linha de separação, transformou-se em região onde a cooperação e a ação integrada passaram a dar início a elementos criativos dentro de um ambiente de integração entre as diferentes nacionalidades. Ainda de acordo com o autor, um dos principais motivos para essa mudança e o estabelecimento desse novo modelo seria a consideração da natureza multidisciplinar desse conceito.

Del Rio, *et al*¹⁰ explicam que para Durkheim e Mauss o “espaço está associado à organização social do grupo e, portanto, indissociavelmente vinculado à identidade”. Pode-se concluir, portanto, que há uma sólida relação entre as formas de organização das comunidades e estruturas sociais e simbólicas do grupo em questão, existindo, portanto, um laço entre essas e a identidade de seus membros.

A ocupação do espaço, tal como estabelecem estes autores, implica uma tradução cultural, a superação de velhas fronteiras sociais e a

⁹ COELHO, Pedro Motta Pinto. **Fronteiras na Amazônia: um Espaço Integrado**. Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI. Brasília, 1992.

¹⁰ DEL RIO, José M. V; CARDIA, Lais M; SANCHEZ, José Luiz F. Etnografia das Fronteiras Políticas e Sociais na Amazônia ocidental: Brasil, Peru e Bolívia. **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**. Universidad de Barcelona. ISSN 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98. Vol. XIII, núm. 292, 1 de junio de 2009 [Nueva serie de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana]. [online]. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-292.htm>>

criação de outras novas, em um movimento em que as formas de organização social se projetam sobre o meio e os limites vão se modificando. Nesse processo alguns âmbitos perdem significação, enquanto que outros adquirem um sentido relevante, em leituras não necessariamente cumulativas. O espaço é sempre traduzido culturalmente e seu processo de apropriação (territorialização) requer discursos de legitimação, a partir dos quais se definem os direitos e a normas sobre o mesmo e suas formas de exploração. São as pessoas e grupos reconhecidos como membros da comunidade as que têm um acesso preferencial ao território. A idéia de comunidade articula pertencas e direitos, em função de um modelo de identificação que, ao mesmo tempo em que unifica a diversidade em relação aos outros, estabelece hierarquias internas de acordo com um modelo ideal de um *nós*, que tem diversos níveis que podem ou não ser excludentes: locais, étnicos, nacionais. Em todo caso, a comunidade necessita de uma memória a partir da qual poderá recriar a tradição (CONNERTON, 1989), e de um limite, que tanto une como separa¹¹.

Evidencia-se aqui a grande influência que a construção de limites e fronteiras tem sobre a construção cultural de uma população estabelecida em todas as áreas, porém, com mais ênfase as que estão localizadas em regiões de fronteira, pois essa população precisa adaptar-se a dois tipos de culturas, dois tipos de hábitos, linguagem, costumes etc.

Contudo, pode-se entender também que, apesar de terem que lidar com dois mundos diferentes, essa população, em geral, não tem dificuldades em adaptar-se ao ambiente misto, uma vez que a maioria da população que ali reside está no local há muito tempo, ou mesmo, desde que nasceu. Desse modo, a adaptação ocorre de forma simples e fácil.

Para o desenvolvimento desse trabalho será utilizado o conceito pré-estabelecido por Lafin¹², tanto no que se refere à fronteira quanto no que se refere a limite, pois se deve pensar que de forma objetiva é o que melhor se aplica ao objetivo desse estudo no âmbito das relações linguísticas orais em regiões de fronteira.

¹¹DEL RIO, José M. V; CARDIA, Lais M; SANCHEZ, José Luiz F. Etnografia das Fronteiras Políticas e Sociais na Amazônia ocidental: Brasil, Peru e Bolívia. **REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES**. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98Vol. XIII, núm. 292, 1 de junio de 2009 [Nueva serie de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana]. [online]. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-292.htm>>

¹²LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato Linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

2.2. Enfoques lingüísticos em decorrência dos contatos

Para estudar esse tema, é preciso, primeiramente, entender que o contato lingüístico deve ser lembrado em um amplo contexto cultural. É fato que a linguagem faz parte da construção cultural de um indivíduo, contudo é impensável haver cultura somente com o contato lingüístico.

Tendo isso em mente, parte-se para a premissa de que no contato lingüístico entre indivíduos de diferentes culturas que dividem a mesma região podem sim adquirir um discurso bilíngue, ou seja, o falante tem familiaridade com mais de uma linguagem. Levam-se em consideração aqui que o indivíduo não exerce fluência em ambas as línguas, mas que as mistura no decorrer de seu discurso devido ao contato direto com os dois tipos de língua, o que comprova a coexistência de mais de uma língua em “regiões fronteiriças”¹³. Por essa razão “a fronteira precisa ser vislumbrada como um espaço de contato em que se tocam culturas, etnias, línguas e nações”¹⁴.

Lafin (2011) explica que o contato lingüístico, mesmo que bilíngue designa uma língua como a principal:

Há muitas variedades que possuem tais características, mas que, ainda assim, não são reconhecidas como língua. Por que isso ocorre? Talvez porque seja utilizado por grupos lingüísticos minoritários, o que faz com que, por conseguinte, não gozem do mesmo prestígio no ambiente em que estão sendo utilizadas, uma vez que, em tais áreas, normalmente já há uma variedade considerada estandard, formal, de prestígio, que, por sua vez, prevê a existência de relações de poder de uns (Estado) sobre os outros (usuários da língua).

Sabendo disso, é preciso entender o que de fato significam o termo *língua*. No senso-comum o termo *língua* vem a ser um sistema próprio com algumas constâncias de estruturas e regras de normatização que devem ser seguidas. Contudo, Lafin¹⁵ questiona se apenas apresentar essas características torna algo

¹³LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato Lingüístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai**: estado da pesquisa e perspectivas futuras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

¹⁴RIVAS, Verônica Elizabeth. **Português e Espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia**. I CIPLOM - Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL. PG – UFMS. Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010. ISSN 2236-3203. p. 1-8.

¹⁵LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato lingüístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai**: estado da pesquisa e perspectivas futuras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

uma linguagem e segundo a autora o termo *linguagem* no que se refere a um modo de falar escolhido por uma comunidade traz uma ideia de modo de comunicação com prestígio.

Outros preferem utilizar o termo *dialeto* para se referir a o modo de falar de uma comunidade especificamente. Esse termo, ao contrário do anterior, é atribuído a um conceito de não prestígio, uma variedade linguística adquirida pela comunidade de forma natural ou espontânea: o modo como o indivíduo conversa com pessoas próximas, ou mesmo a linguagem que usa antes de ingressar no universo educativo através de escolas – local no qual as pessoas adquirem uma variedade formal no modo de falar que, segundo Lafin, costuma ser bastante afastada do tipo de linguagem utilizada em sua realidade.

Tendo em vista essa variedade fica claro que existem nesse âmbito de estudo muitas visões diferentes. Coseriu,¹⁶ In: Lafin afirma que qualquer sistema que funcione durante um momento de fala pode ser considerado uma língua. Sendo assim, para o autor, todo dialeto é uma língua e não há um preconceito existente para com o dialeto no que se diz respeito ao prestígio adquirido no *momento da fala*. Contudo, o autor explica que há sim uma diferença de *status* histórico atribuído a cada um desses modos, originando o que é chamado de variedade linguística. Já Mané, explica que “língua e dialeto são duas denominações que se aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana”.

No que se refere ao *status* histórico, alguns estudos apontam as diferenças existentes sobre os termos. O termo dialeto, na Grécia antiga era utilizado quando o indivíduo pretendia referir-se aos dialetos literários, ao contrário do termo língua, que era ligado a um sentido no que se referia a questões sociais e nacionalistas – mais do que propriamente linguísticas¹⁷. Sobre as diferenças existentes, Mané aborda a questão da seguinte forma:

¹⁶COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la Dialectología**. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Filológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, 1982. In: LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

¹⁷MANÉ, Djiby. **As Concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. Universidade Estadual de Goiás. Anápolis • v. 4, n. 1 • p. 39-51 • jan./jun. 2012 • www2.unucseh.ueg.br/vialitterae. Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800.

O termo dialeto é usado para descrever uma variedade da língua, e possui uma grande carga de preconceito. Dialeto, muitas vezes, sugere a fala informal, a fala de grupos de classe baixa ou oriundos de área rural, como é o caso de dialeto rural do Brasil. Na América do Norte, por exemplo, o chamado “badEnglish” é considerado um dialeto da classe baixa. Automaticamente, a linguagem falada pelas classes mais altas é vista como a forma correta de expressão. Nesses termos, o dialeto passa a ser uma linguagem excluída de uma sociedade de hábitos linguísticos ditos “polidos”.

Além do *status* histórico, há a caracterização de línguas e dialetos a partir de seus *status* sociais e também sua extensão geográfica. Por exemplo, uma língua pode ser considerada institucional por ser correspondente a área de determinado país – no caso do Brasil, a língua institucional é a portuguesa – além disso, a mesma língua institucional pode ser atribuída a questões relacionadas à escrita e literatura. No caso do dialeto, não há um *status* cultural e social mesmo podendo ser utilizado em uma extensa área geográfica, isso porque o mesmo não será ensinado na escola e não há uma população significativamente grande que irá utilizá-la para escrever (literatura). Mostrando então o caráter de poder que a língua exerce enquanto essa característica passa longe do dialeto.

Desse modo, a língua pode ser entendida como sendo unitária e o dialeto, pelo contrário, seria uma estrutura superposta à língua. No que se diz respeito ao uso da língua podem ser apontadas duas variantes: a primeira com uma estrutura voltada para a “descrição de sua forma em si”, sendo conhecida como língua formal; e a segunda, de caráter funcional, trata-se dos usos durante os processos de comunicação. Mané explica que “a dimensão formal vê a língua primeiramente como um fenômeno mental, enquanto a funcional vê a língua como um fenômeno social”.

Assume-se desse modo que a língua é mutável e que estão de maneira inegável aos aspectos sociais, políticos, culturais e ideológicos. Logo, toda língua varia de outra língua; varia de um indivíduo para outro indivíduo e ainda, varia entre classes sociais, idade, nacionalidade – mesmo dentro de uma mesma comunidade, isso porque os dois falantes são diferentes em termos de suas variedades idioletais, contudo deve-se ponderar aqui que os falantes de uma língua têm plena consciência das variedades linguísticas regionais de onde habitam, apresentando assim, facilidades para identificar um dialeto em comum. Além de variar ainda em suas diversas dimensões, por exemplo, a escrita varia da fala. Desse modo, podem

coexistir duas ou mais variantes da língua, levando em conta os fatores sociais já citados além de sexo e faixa etária.

Não há sociedade sem linguagem. Esta, por sua vez, manifesta-se sob a forma de inúmeras línguas, que variam no tempo e no espaço. A maioria das sociedades é plurilíngue, mas os diversos idiomas que coexistem raramente têm a mesma função¹⁸.

A variação linguística é provocada, principalmente, pelo contato. De acordo com Lavin¹⁹ a variação “costuma ser uma etapa prévia á mudança linguística, cuja definição perpassa o seguinte fato: quando uma das variantes de uma determinada variável sobrepõe-se e passa a ser a única utilizada, já não se tem mais uma variável, mas sim uma mudança”. Toda mudança linguística, portanto, precisa que antes exista variação para poder ocorrer. Vale ressaltar também que para uma variedade específica acontecer é preciso que a mesma esteja sobre a percepção dos próprios falantes ou do grupo que a utiliza para comunicação.

Para Mané²⁰, o termo variação funciona como uma válvula de escape aos estudiosos:

Para o conceito de língua e dialeto, em muitos casos, a sociolinguística recorre ao termo “variedade”, sem dar uma definição. O fato de que existe um termo objetivo, técnico, livre de toda emotividade, parece ser necessário para designar um “tipo de língua”. O termo “variedade” é o mais neutro que se refere a uma modalidade falada por uma comunidade constituída por pessoas que partilham um código linguístico comum e normas (regras) que regem as suas diversas variedades de fala. Assim, o termo “variedade”, contrariamente ao “dialeto”, não designa uma posição linguística específica, mas unicamente algumas diferenças em relação a outras variedades. (grifos do autor)

Referindo-se as variações linguísticas em fronteiras, Mané em seu trabalho apresenta o conceito de “*continuum* de dialetos geográficos”, dialetos os quais envolvem sempre fronteiras nacionais e internacionais. Contudo, no caso desse conceito, trata-se de dialetos adotados por comunidades diferentes e que não conseguem se entender no âmbito da comunicação. O autor ressalta também que

¹⁸ LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato Linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai**: estado da pesquisa e perspectivas futuras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

¹⁹ Idem.

²⁰ MANÉ, Djiby. **As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico**. Universidade Estadual de Goiás. Anápolis. v. 4, n. 1, p. 39-51. jan./jun. 2012. www2.unucseh.ueg.br/vialitterae. Revista de Linguística e Teoria Literária • ISSN 2176-6800.

nesses casos, o grande diferencial está ligado à distância na qual estão localizadas as comunidades: essas diferenças variam conforme a distância que separa as duas aldeias, isto é, quanto maior a distância, maiores serão as diferenças linguísticas e maior a dificuldade de compreensão”, entra aqui o conceito supracitado de territorialidade.

Além disso, por essa questão estar ligada intimamente a fatores socioeconômicos, a variação da linguagem muitas vezes, no mundo moderno, é associado não só a regionalidade na qual um indivíduo está habituado, mas também as suas condições econômicas. Logo, a variedade linguística pode ser associada a “pobreza” e “riqueza”, funcionando como uma espécie de estereótipo pelo qual as pessoas conseguem identificar quem é quem no âmbito social. Para Mané “a língua está para a riqueza assim como o dialeto está para a pobreza”, exemplo dessa realidade pode ser encontrado nas regiões de fronteira do Brasil com Bolívia, Equador e Peru, nas quais os habitantes preferem falar a língua espanhola ao invés da sua língua nativa –*quéchua*. “Isso porque o falar quéchua está associado historicamente a um nível social mais baixo, ao contrário do espanhol que tem um valor social mais alto”²¹. Essas relações serão mais bem compreendidas com a introdução das questões e conceitos básicos relativos à comunicação dentro do âmbito cultural. Para tanto, apresentar-se-á a seguir os estudos relativos ao conceito da Semiologia.

2.3. Relações de poder decorrentes dos contatos linguísticos

É sabido que é a oralidade que permite a alguém moldar-se a uma cultura que não seja a sua, é através dela que se organizam e fundamentam-se todas as sociedades existentes. Assim, o indivíduo ao juntar-se a outra cultura precisa ajustar-se adotando para si algumas características culturais daquele local como hábitos, vestimenta e até mesmo a linguagem, pois sem ela não há comunicação bem sucedida.

Contudo, ao deparar-se com uma nova linguagem o indivíduo acaba por optar por uma língua – normalmente, aquela que é mais comumente usada dentro da

²¹SANTOS, Gláucia Felismino dos. **Contato linguístico na região de fronteira Brasil/Uruguai: a entonação dialetal em enunciados assertivos e interrogativos do português e do espanhol.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Neolatinas, 2008.

comunidade em questão. Ao optar, a pessoa adquire aquela linguagem, substituindo a sua de origem pela aquela do grupo social no qual esta inserida no momento. Logo, uma língua exerce poder sobre a outra quando o indivíduo deixa uma de lado e adota a outra como seu referencial linguístico. Esse poder exercido de uma linguagem em comparação com a outra é tido graças ao contato direto do falante para com a língua, ou seja, a relação de poder da língua aparece com a prática.

Sobre essa questão, Bourdieu, sociólogo francês que, entre outras atividades, estudava e apresentava o conceito de campo, que seria a teoria da prática – ou como conhecida por alguns estudiosos, teoria do *habitus* -, vindo a tratar de assuntos sobre reprodução cultural, capital cultural e capital simbólico. O autor construiu uma análise a respeito da cultura em termos de bens, produção e ainda, de mercado e investimentos. O objetivo de Bourdieu era entender a relação estabelecida entre os bens de uma cultura e construção de identidades e mudanças sociais de uma comunidade²².

Antes de tudo é preciso contextualizar do que se trata a teoria de *habitus* de Bourdieu. É cabível salientar que essa teoria não é exclusividade do autor, uma vez que já fora usada até mesmo por Aristóteles e por Durkheim. O conceito traz uma tentativa de entendimento do modelo de socialização contemporânea, tenta abranger a particularidade do processo de construção das identidades dos indivíduos que passam por mudanças estruturais e institucionais quando comparados aos seus modos tradicionais. No que se diz respeito a essas construções culturais Setton²³ diz o seguinte:

Parto da hipótese de que o processo de socialização das formações modernas pode ser considerado um espaço plural de múltiplas relações sociais. Pode ser considerado um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis. Salientar a relação de interdependência entre as instâncias e agentes da socialização é uma forma de afirmar que as relações estabelecidas entre eles podem ser de aliados ou de adversários. Podem ser relações de continuidade ou de ruptura. Podem, pois, determinar uma gama variada e heterogênea de experiências singulares de socialização.

²²LIMA, Amauri de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé**. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2009.

²³SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, N° 20.

O conceito de *habitus* vem ser explicado pela a autora em seu trabalho como uma ferramenta que a auxilia a “pensar características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente”, ou seja, é a partir do conceito que se auxilia no existir da possibilidade do pensar no processo de constituição de identidades dentro de uma cultura. Além disso, o *habitus* é visto como um instrumento auxiliador na mediação entre os condicionantes sociais exteriores e a subjetividade existente na raça humana. Não se trata de destino e sim de noção²⁴.

Como dito anteriormente, esse conceito que trata das relações de poder cultural existente dentro de uma sociedade não é algo recente. Segundo Setton²⁵, a noção de *habitus* surgiu na filosofia antiga com Aristóteles como vertente do pensamento do mesmo chamado de *hexis*, a qual apontava características do corpo humano e da alma adquiridas durante um processo de aprendizagem; Já Durkheim utilizou o conceito para representar um estado geral dos indivíduos, o qual orienta suas ações:

Durkheim evocou esse conceito a propósito de duas situações singulares, as sociedades tradicionais e os internatos. Na primeira, considera o grupo realizando de maneira regular uma uniformidade intelectual e moral. Tudo seria comum a todos. No segundo caso, emprega o conceito a propósito da noção cristã como uma forma de educação que englobaria a criança integralmente como influência única e constante.²⁶

Logo, o *habitus* para Durkheim significaria uma situação de internato, de modo que a educação estaria organizada de maneira que produzisse um efeito que seria durável. Sendo assim, a coerência das ações sociais dependeria da coerência dos princípios pré-estabelecidos de socialização aos quais as pessoas se submetem.

Nessa perspectiva, Bourdieu trouxe novamente o conceito à tona, dessa vez, com uma proposta original e dá a sociedade um problema. Segundo ele não basta supor a comparação entre as diferenças da esfera social, é preciso que as

²⁴ Idem.

²⁵ SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

²⁶ SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20

condições, os princípios que tornam essa comparação possível, sejam definidas. Bourdieu parte, então, da premissa de que a cultura não é só algo que as pessoas têm em comum, nem mesmo um repertório comum de questões em comum de um grupo que tenha os mesmos pensamentos, é além de tudo, um conjunto “de esquemas fundamentais, precisamente assinalados, a partir dos quais se engendram [...] uma infinidade de esquemas particulares, diretamente aplicados a situações particulares”²⁷.

Setton ressalta que nesse período citado por Bourdieu pode-se entender que muitas categorias de pensamento podem ser aplicadas ao conceito de *habitus*, a qual é capaz de dar coerência às ações os indivíduos e que com isso, aplicada em situações particulares precisa de certa quantidade de invenção e criatividade. Logo, o conceito mostra-se variável e condicionante. Tanto que logo depois, o autor cria um conceito mais preciso e apropriado, surgindo no contexto de aprender sobre as relações de afinidade entre os agentes e estruturas de uma comunidade social.

Bourdieu, In: Setton²⁸ compreende como *habitus*:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas.

Nota-se aqui que a noção de *habitus* foi estipulada como mediadora e correspondente entre práticas individuais e condições sociais de existência. Sendo assim, para torná-la explícita, o autor em suas pesquisas observou a situação de abandono de alguns cidadãos tirados de um meio rural e colocados em um ambiente urbano. Sem a *habitus* com seus instrumentos de percepção para que o autor pudesse compreender os comportamentos dos indivíduos em meio à cidade como o estudo seria possível? Conclui-se a partir daí que o conceito permite examinar a coerência das características apresentadas por vários tipos de pessoas em condições externas variadas.

²⁷ BOURDIEU, Pierre (1980). *Le sens pratique*. Paris: Minuit. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

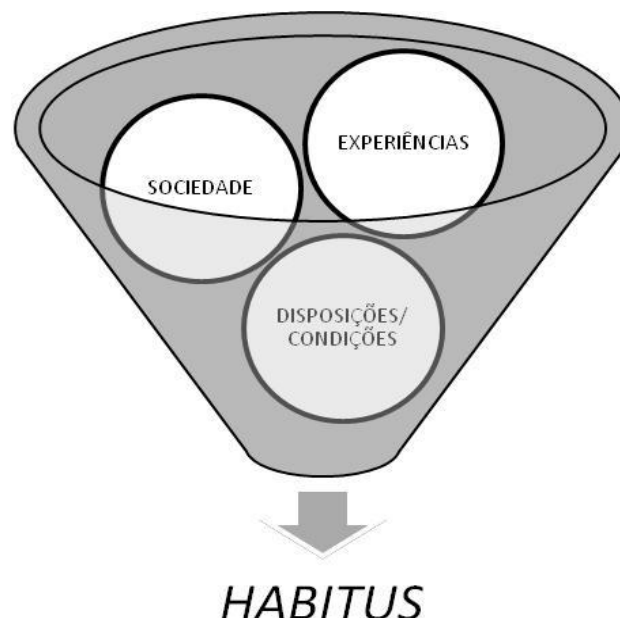
²⁸ Ibidem.

Faz-se presente aqui também o trabalho de Wacquant²⁹:

Bourdieu propõe que a prática não seja nem o precipitado mecânico de ditames estruturais nem o resultado da perseguição intencional de objetivos pelos indivíduos; é, antes, “o produto de uma relação dialética entre a situação e o *habitus*, entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e possibilita o cumprimento de tarefas infinitamente diferenciadas graças à transferência analógica de esquemas” adquiridos em uma prática anterior.

Desse modo, é através do *habitus* que os falantes de uma dada língua reproduzem modos de uma determinada cultura – no caso, as que estão inseridos – de modo inconsciente para que assim haja atos de discurso corretos de acordo com as regras pré-estabelecidas daquele modo de vida. Além disso, é essa noção que “designa uma competência prática, adquirida *na* e *para* a ação, que opera sob o nível de consciência. (...) o *habitus* resume não uma aptidão natural, mas *social*, que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, das distribuições de poder”³⁰.

Imagem 2 - Habitus.



Fonte: Autor.

²⁹Wacquant, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n. 14, 2004, p. 35-41.

³⁰Ibidem.

Existem ainda algumas outras características desse conceito, como o fato de o mesmo ser transferível, uma vez que, existem vários domínios de consumo no interior de cada indivíduo de um mesmo grupo social, fundamentando os diferentes estilos de vida existentes; o fato de o conceito de *habitus* ser durável – mas não eterno – já que as condições são montadas socialmente, podendo assim, serem destruídas, danificadas e contrariadas pelo surgimento de novas forças, como, por exemplo, no caso de migrações; Wacquant (2004) aponta ainda a característica da inércia incorporada a qual “na medida em que cada uma de suas camadas opera como um prisma por meio do qual as últimas experiências são filtradas e os subsequentes estratos de disposições são sobrepostos” . O *habitus* ainda insere uma defasagem entre o passado e o presente, pois há de se convir que confere às práticas sua autonomia, autonomia essa que se refere ao passado o qual funciona como capital cultural acumulado, produzindo história, a qual torna-se natureza. É essa natureza que assegura a permanência no interior da mudança³¹, trata-se das experiências ilustradas na Figura 1.

Ainda nessa questão, Bourdieu afirma que o mundo social é feito de três modos de conhecimento teórico, começando pelo fenomenológico, o qual aborda:

[...] a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de *familiaridade* com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa, e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade. O conhecimento que podemos chamar de *objetivista* (de que a hermenêutica estruturalista é um caso particular) (que) constrói relações objetivas (isto é, econômicas e lingüísticas), que estruturam as práticas e as representações práticas ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e natural [...] Enfim, o conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade³².

³¹Wacquant, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n.14, 2004. p. 35-41.

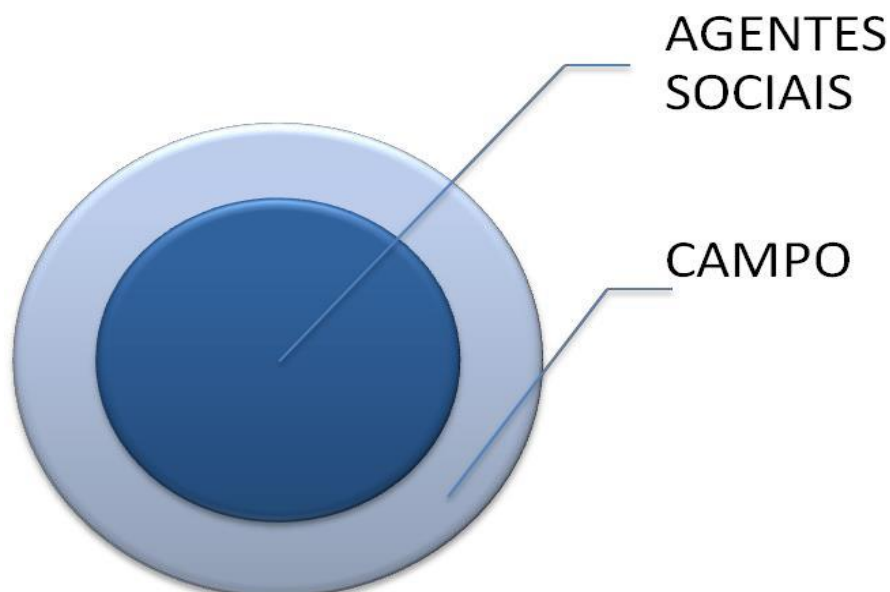
³²BOURDIEU, Pierre (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

Pode-se compreender que o conceito tratado nesse trabalho para ilustrar a relação ente culturas diferentes surge de uma capacidade de conciliar a realidade exterior ao indivíduo e as realidades individuais dos sujeitos que vivem em lugares nos quais as culturas contrastam. Setton³³ alega que a noção de *habitus* é um sistema de esquemas os quais são individuais, construídos de disposições sociais estruturadas – no social – e estruturantes – nas mentes. Esses sistemas são adquiridos pela prática no ato das experiências constantes exercidas no cotidiano do indivíduo. Logo:

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria *habitus* implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O *habitus* é uma subjetividade socializada. Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam.

Além do *habitus*, Bourdieu aborda também a questão do campo, que nada mais seria do que o espaço onde as relações entre diferentes grupos sociais acontecem. Segundo ele, o campo é um espaço de disputa e jogo de poder.

Imagem 3 – Relação: Agentes Sociais e Campo.



Fonte: Autor.

³³SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

Para poder compreender de maneira correta as relações sociais, Setton³⁴ alega que entender a relação entre o *habitus* e o campo é essencial. Esses dois conceitos supõem que existe uma relação direta entre sujeito e sociedade “uma relação de mão dupla entre *habitus* individual e estrutura de campo, socialmente determinado”. Levando esse pensamento em consideração, entende-se que as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não são provenientes de planejamento, são resultados da relação existentes entre um *habitus* e as pressões e estímulos das experiências vividas naquele determinado momento.

O autor ressalva que, apesar de o ajustamento entre o indivíduo e o campo no qual o mesmo está inserido ser considerado bom com frequência, há casos em que o ajustamento não é bem sucedido. Bourdieu assinala essa questão dizendo que:

Princípio de uma autonomia real em relação às determinações imediatas da “situação”, o *habitus* não é por isto uma espécie de essência a-histórica, cuja existência seria o seu desenvolvimento, enfim destino definido uma vez por todas. Os ajustamentos que são incessantemente impostos pelas necessidades de adaptação às situações novas e imprevistas podem determinar transformações duráveis do *habitus*, mas dentro de certos limites: entre outras razões porque o *habitus* define a percepção da situação que o determina³⁵.

Mostrou-se com isso que o conceito aqui tratado e estudado não é apenas uma ferramenta utilizada para expressar uma ordem social a qual funciona de acordo com a lógica pura e simples da reprodução e conservação dos costumes pré-estabelecidos de um meio social³⁶. Na verdade, o conceito faz pensar o contrário, a ordem social constitui-se por estratégias e práticas nas quais e pelas quais os agentes sociais expressam suas reações, adaptam-se e contribuem na construção histórica, tanto de um indivíduo, como de uma comunidade, uma vez que ao conhecer um pouco da experiência de vida de uma só pessoa é possível resgatar fragmentos de sua cultura, os quais estão em todos os membros da mesma

³⁴SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

³⁵BOURDIEU, Pierre (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

³⁶SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

(conceito chamado de história de vida adquirido por um estudo de campo).
Realidade melhor explicada por Wacquant³⁷:

[...] o *habitus* nunca é a réplica de uma única estrutura social, na medida em que é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas que grava, armazena e prolonga a influência dos diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa. Em segundo lugar, o *habitus* não é necessariamente coerente e unificado, mas revela graus variados de integração e tensão dependendo da compatibilidade e do caráter das situações sociais que o produziram ao longo do tempo: universos irregulares tendem a produzir sistemas de disposições divididos entre si, que geram linhas de ação irregulares e por vezes incoerentes. Terceiro, o conceito não está menos preparado para analisar a crise e a mudança do que está para analisar a coesão e a perpetuação. Tal acontece porque o *habitus* não está necessariamente de acordo com o mundo social em que evolui.

Além disso, é de extrema importância assinalar que o conceito não é uma ferramenta autossuficiente para que haja ações, ao contrário, o *habitus* opera como “uma mola que necessita de um gatilho externo”. Ou seja, não poderá, portanto, ser considerado de maneira isolada, deixado de pensar nos mundos sociais grupais existentes. Para que haja uma análise profunda da questão, é preciso que uma tripla elucidação da gênese e estruturas sociais do *habitus* e do campo, incluindo as dinâmicas de sua confrontação sejam levadas em consideração³⁸. A mesma importância deve se dar a questão no que se refere a sua construção “(...) Assim, a perspectiva histórica, a interpenetração entre passado, presente (trajetória) e futuro (o devir) são dimensões constitutivas dos *habitus* individuais.”^{39,}

Em resumo pode-se dizer que o *habitus* é um conceito que trata das experiências adquiridas pelos indivíduos de uma sociedade cultural e que, por algum motivo em um determinado momento de sua vida, precisa adaptar-se a outra cultura, totalmente diferente. É a relação entre esse indivíduo e as outras pessoas desse novo ambiente social (os agentes sociais) e ainda, a adaptação com o próprio meio. Deve-se levar em consideração aqui, que o meio trata-se de tudo que envolve os

³⁷ WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n.14, 2004, p.35-41.

³⁸ WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n. 14, 2004, p.35-41.

³⁹ SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

costumes da comunidade como, música, comida, vestimentas, danças e, responsável pelo âmbito da comunicação, a *língua*.

Tanto a língua se encaixa nesse contexto, que Bourdieu assinala sua importância e sua ligação com o *habitus* no trecho a seguir:

Todo ato de fala e, de um modo geral, toda ação é uma conjuntura, um encontro de séries causais independentes: de um lado, as disposições, socialmente modeladas, do *habitus* linguístico, que indicam uma certa propensão a falar e a dizer coisas determinadas [...]; do outro, as estruturas do mercado linguístico, que se impõem como um sistema de sanções e de censuras específicas⁴⁰.

Sem a adaptação do indivíduo a língua falada dentro do ambiente social não há como haver comunicação eficiente. O indivíduo então se vê obrigado a absorver aquela linguagem para si, é disso que se trata o *habitus*. É inegável nesse sentido que a língua tem poder nesse caso, a nova linguagem usada pela comunidade terá maior poder quando comparada a linguagem do indivíduo que acabara de chegar naquele meio.

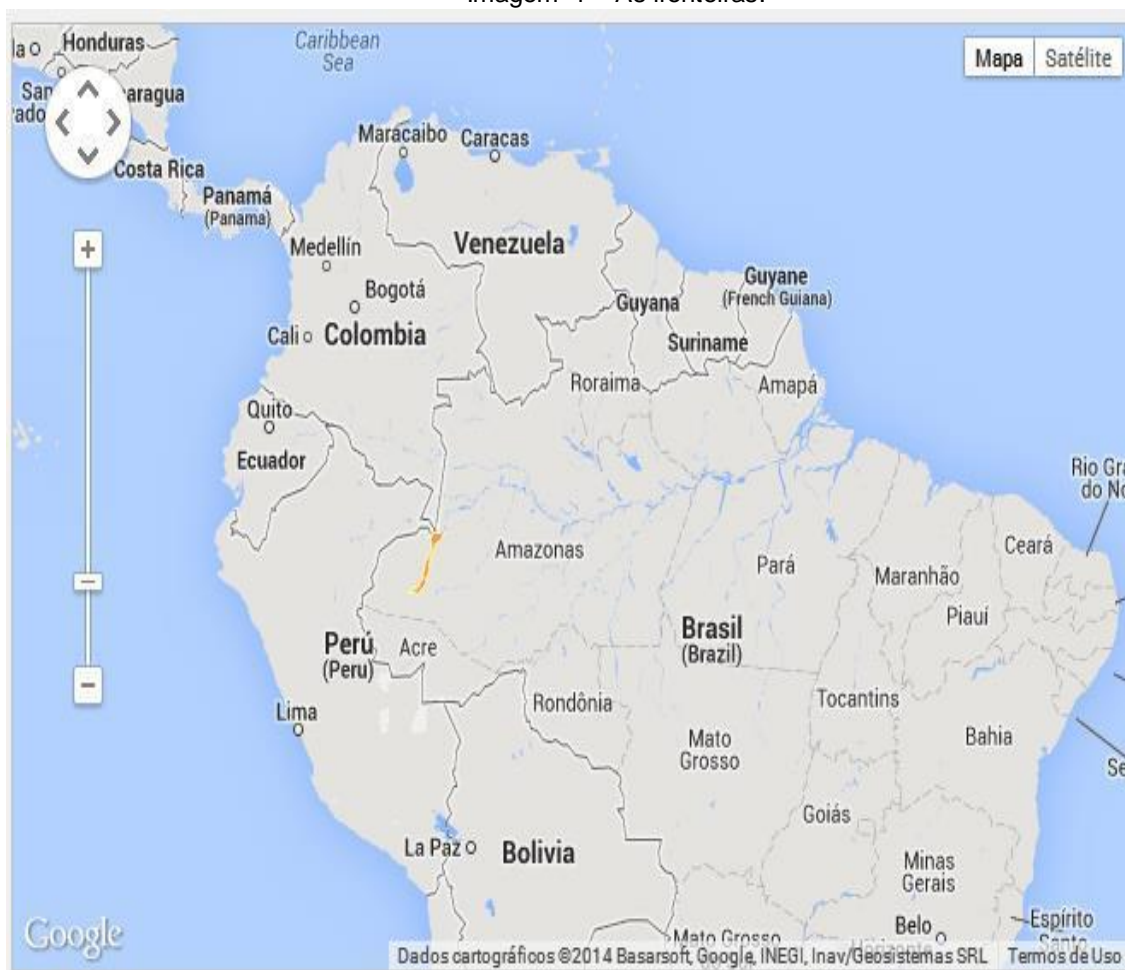
Dentro de todo esse contexto encaixam-se, portanto, as populações que vivem em regiões de fronteira, uma vez que as mesmas tendem a adaptar-se a linguagem utilizada nos dois lados da linha de limitação. Entender como esse processo se desenvolve torna-se aqui, pertinente.

2.4. Fronteira Brasil e Peru

Esse tipo de relação pode ser encontrado em qualquer região fronteira, porém, aqui tratar-se-á sobre a fronteira entre Brasil e Peru, curiosa por haver na proximidade de seu território uma tríplice (Brasil, Colômbia e Peru):

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1996. In: LIMA, Amauri de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé**. 2009.108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2009.

Imagem 4 – As fronteiras.



Fonte: IBGE, 2014⁴¹.

Quem vive nessa região acaba por ter que se inserir em culturas variadas devido à grande quantidade de nacionalidades ali articuladas, uma vez que Estados Nacionais repartiram seu território em fronteiras nacionais, impondo para os que ali vivem marcos nacionais (a cultura de uma maneira geral). Logo, esses indivíduos precisaram aprender a lidar com os parâmetros socioculturais ali empregados⁴².

A formação da fronteira trinacional Brasil, Bolívia e Peru ocorre como uma dinâmica social complexa, entrelaçada a processos de escala regional, nacional e mundial. Mas, ainda que determinada por esse macro processo de longa duração (a formação do capitalismo, ocidentalização do mundo e a formação de um sistema mundial), foram os processos e atores sociais

⁴¹ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amazonas, Benjamin Constant – dados gerais do município**. 2014. [online]. Disponível em < <http://cod.ibge.gov.br/4JQN> >

⁴² ARRUDA, Rinaldo S. V. **Fronteiras e Identidades: os povos indígenas na trílice fronteira Brasil – Bolívia – Peru**. Projeto História, São Paulo, n.39, p. 159-178, jul/dez. 2009.

locais que moldaram as formas de ocupação do espaço, de definição de fronteiras e de lógicas políticas e identitárias⁴³.

Essa variedade de culturas em uma mesma região deve-se ao fato de que muitas pessoas vieram para a fronteira a fim de desfrutar dos benefícios econômicos que uma matéria-prima típica daquela região poderia trazer: a borracha. De acordo com Arruda, a área mais distante e vazia dos três países tornou-se importante para os que eram do ramo especificamente a partir da descoberta do processo de vulcanização por Charles Goodyear em 1839. Isso atraiu cada vez mais gente para a região, e a disputa por borracha tornou-se uma das características da expansão populacional da fronteira⁴⁴.

Esta é um exemplo típico de uma *fronteira em movimento* caracterizada por constantes mudanças e transformações em relação aos seus componentes populacionais (povos indígenas, portugueses, espanhóis, depois brasileiros, bolivianos e peruanos, depois migração cearense, etc.), e pelas mudanças na demarcação política. Só no início do século XX se formalizam os atuais limites entre Bolívia e Peru (1902), Bolívia e Brasil (1903) e Peru e Brasil (1909)⁴⁵.

Ainda segundo Arruda, os primeiros povos a ocupar aquela região eram indígenas, mais especificamente, os que tinham sua filiação linguística-cultural *Arawake Pano*, os quais originaram as populações *Manchinerie Jaminawa*. Para o autor, a chegada dos que buscavam por borracha trouxe uma “profunda desestruturação social e psicológica”, pois os habitantes originais daquela região tiveram que se adaptar aos costumes dos que havia chegado. Veem-se aí as primeiras misturas culturais ocorridas nessa área fronteira.

A partir daí, pode-se imaginar que com o passar dos anos as misturas de etnias foram crescendo, o que significa que a adaptação por novas culturas era constante. Tanto que Reis⁴⁶ cita que:

⁴³ Idem.

⁴⁴ ARRUDA, Rinaldo S. V. **Fronteiras e Identidades**: os povos indígenas na tríplice fronteira Brasil – Bolívia – Peru. Projeto História, São Paulo, n. 39, p. 159-178, jul/dez. 2009.

⁴⁵ Idem.

⁴⁶ REIS, Rodrigo Braga de Oliveira. **Territorialidades e conflitos em fronteira**: os matsés na Fronteira Brasil – Peru. XI Congresso Luso Aro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ago. 2011.

A consolidação dos Estados Nacionais latino-americanos a partir do século XIX fundamentou-se em relações sociais, políticas e econômicas desenvolvidas no período colonial. O processo de estabelecimento das fronteiras geopolíticas através da delimitação territorial, de políticas para garantia da soberania nacional e *nacionalização*¹ das populações indígenas das regiões de fronteira, representou – para os povos ameríndios que sobreviveram à violência da colonização européia – a continuidade de violentas práticas jurídicas, políticas e ideológicas. A este respeito, a literatura informa que a região de fronteiras entre Brasil, Colômbia e Peru se consolidou sobre o território ancestral de diversas etnias, dentre elas os Ticuna e os Matsés⁴⁷

Esse tipo de contato influencia de forma significativa no desenvolvimento de uma identidade étnica, aquela identidade cujo vínculo vem do grupo a que as pessoas em questão são pertencentes, o qual possui diferenças linguísticas, de organização social e cultural e de transformação de seu espaço. Desse modo, pode-se compreender como “um grupo social no seu dia a dia, nas relações entre si e com os outros, põe em prática ações e decisões resultantes de duas dimensões sociais: a do grupo, enquanto indígena, e a da sociedade que o envolve, a nacional”⁴⁸.

Esse contexto é visto na região do Alto Solimões, no Estado do Amazonas, a qual inclui 9 municípios, sendo eles: Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa, com uma área de 214.217,80 Km². Em toda essa região encontram-se cerca de 38 áreas indígenas, e nessa áreas alguns dos povos são: Tikuna, Kokama, Marubo, Korubo, Matsés/Mayoruna, Kanamari, Matis, Kulina, Kambeba, Kulina (Madjá). Há também inúmeras comunidades ribeirinhas as quais incluem pescadores, agricultores, seringueiros, extratores e coletores de modo geral.

Historicamente os índios desta região vêm sofrendo impactos sucessivos em virtude dos ciclos econômicos empreendidos no Estado do Amazonas, do contato com a lógica de mercado e, sobretudo com a forma que vem sendo explorados indiscriminadamente e desordenadamente os recursos naturais da região – notadamente os recursos madeireiros e pesqueiros pelos não indígenas. A prova disto está nas frequentes invasões às terras e comunidades indígenas devidamente demarcadas e homologadas o que vem ocasionando sucessivos embates e conflitos diretos e indiretos com

⁴⁷ De acordo com Reis o Povo Matsés, também conhecido como Mayoruna, falante de língua Pano e habitante da região de fronteira Brasil e Peru. Distribuída em oito comunidades nos rios Javari, Curuçá, Pardo e Igarapé Lobo, a população Matsés no Brasil chega a 943 pessoas.

⁴⁸ REIS, Rodrigo Braga de Oliveira. **Territorialidades e conflitos em fronteira**: os matsés na Fronteira Brasil – Peru. XI Congresso Luso Aro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ago. 2011.

não-índios provenientes do próprio território nacional, mas principalmente dos países da fronteira, a Colômbia e o Peru.⁴⁹

Apesar da forte crítica estabelecida por Reis nessa passagem, deve-se levar em consideração que por conta desses contatos há hoje, uma grande variedade linguística na região em questão. Vale ressaltar que manter a cultura própria dos índios residentes daquela região é uma maneira de preservar identidades do país e sua história.

Coloca-se aqui também, que uma vez que a variedade linguística é de fato existente, a adaptação para um bom entendimento e comunicação entre o emissor da mensagem e o receptor é dependente do conhecimento da cultura de um e de outro. É o que os estudiosos chamam de estudos dos signos. Cada palavra tende a ter um significado próprio dentro de uma sociedade, contudo, nem sempre adquire o mesmo significado quando empregada em outra comunidade social. Além disso, os significados das palavras dependem não só da sociedade em que estão sendo configurados, mas também do contexto no qual são ditas. Ou seja, caso um integrante de um grupo social venha a falar algo que para ele signifique algo bom e que para o integrante de outro grupo significa algo ruim apresentar-se-á um problema de comunicação o qual, por muitas vezes, pode desencadear o sentimento de repúdio de uma cultura pela outra.

Para melhor compreender esses processos de comunicação dependentes de signo e seus significados, palavras que significam coisas diferentes para pessoas diferentes mesmo que em um mesmo lugar, esse trabalho abordará nos próximos capítulos o tema da Semiosfera, ciência a qual defende a existência de esferas únicas de sentido para os signos emitidos pelos seres humanos. Para tal análise deve-se levar em consideração a fronteira entre Peru e Brasil, pois há nessa região um contato constante entre espanhol e português, além das línguas das diferentes etnias que vivem na região, podendo assim levar em conta que o que significa para uma língua pode não significar para a outra.

Sendo assim, entra-se num panorama de estudos dos tópicos e lacunas referentes aos contatos português – espanhol – dialeto nativo predominante, tendo em vista que o objetivo principal e à consequente organização dos estudos realizados em a obtenção de uma amostra do estado atual de pesquisa, faz-se

⁴⁹ Ibidem.

necessário um comentário acerca do que se está sendo analisado neste âmbito de pesquisa. Um eixo principal para os estudos trata-se da análise da variação do contato linguístico entre o português, espanhol e dialetos nativos perpassando também a situação “do lado de cá” do limite político. O que se pretende é traçar um quadro dos principais tópicos de interesse no nível comunicativo, levando-se em consideração os critérios como: qualidade e representatividade dos estudos sobre determinado tópico de pesquisa e questões relevantes ainda em aberto sobre as pesquisas.

2.5. Semiosfera e suas representações

Todo e qualquer estudo acadêmico deve preocupar-se, em um primeiro momento, com o esclarecimento dos conceitos utilizados, sendo a análise destes essencial para a formulação de teorias ou pesquisas. Sendo assim, torna-se imprescindível, no presente trabalho, um estudo mais aprofundado sobre o conceito em questão, a saber, o termo semiosfera.

Este está diretamente ligado aos processos linguísticos e se encarrega, sobretudo, de investigar “o espaço cultural habitado pelos signos”,⁵⁰ isto é, trabalhando o conceito de linguística juntamente com aspectos culturais, a semiótica que, por sua vez, estuda os processos e sistemas linguísticos, incluindo os que ultrapassam o limite do verbal, como a música e a poesia, por exemplo, pode ser considerado um ramo da semiosfera. Em outros termos, a semiótica, responsável por estudar a linguagem, pertence à semiosfera, responsável por estudar a diversidade das culturas. No trabalho em questão, ambas são utilizadas, uma vez que seu objetivo é analisar as relações linguísticas entre diferentes culturas.

A autora Irene Machado define a semiosfera como sendo:

[...] o conceito que se constituiu para nomear e definir a dinâmica dos encontros entre diferentes culturas e, assim, construir uma teoria crítica da cultura. Fora deste ambiente, a palavra não passa de vulgarização, como acontece com muitos conceitos científicos empregados aleatoriamente.⁵¹

⁵⁰ MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007. p.16.

⁵¹ *Ibidem*. p. 16.

Sendo assim, a função da semiosfera é, principalmente, estudar as consequências da mistura de uma cultura com a outra, interpretando o ocorrido e criando novas contribuições.

O semiótico Yuri Lotman (1922-1993), a partir da indagação sobre a maneira como os diálogos culturais constroem os sistemas de signos, considerando o modo como elas se relacionam e se misturam dando origem a um novo tipo de diálogo foi o responsável por dar origem a tal conceito, definindo-o como responsável por “designar o habitat e a vida dos signos no universo cultural.”⁵²

Assim, a semiótica se torna útil para a pesquisa no sentido de contribuir para a análise e construção de algo que ligue a questão cultural à linguística, como fez Bakhtin, ao acreditar que os estudos, independentemente da área, devem estar relacionados ao ser humano, sendo o discurso diretamente ligado às questões ideológicas.⁵³

A cultura, podendo ser considerada um conjunto de conhecimentos transmitidos por determinado povo, engloba conceitos como religião, manifestações artísticas, ensinamentos éticos, entre outros. Cada cultura contém sua particularidade, o que não exclui o aspecto linguístico, isto é, cada região possui uma maneira própria de se comunicar, que pode ser constituída muitas vezes pela junção dos aspectos linguísticos de várias outras regiões.

No encontro entre diferentes culturas, pode ocorrer como muitas vezes houve na história, um conflito entre ambas ou a suposta superação de uma cultura sobre a outra. Como exemplo, existe a suposta superação da cultura europeia sobre as demais:

De modo particular, no mundo ocidental a cultura europeia tem sido considerada natural e racional, erigindo-se como modelo da cultura universal. Desse ponto de vista, todas as outras culturas são consideradas inferiores, menos evoluídas, justificando-se, assim, o processo de colonização cultural.⁵⁴

⁵² MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007, p. 16.

⁵³ MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura. *Bakhtiniana. Rev. Estud. Discurso* [online]. 2013, vol. 8, n. 2, p. 136-156. ISSN 2176-4573.

⁵⁴ FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2003, n. 23, p. 16-35. ISSN 1413-2478.

A ideia de que a verdadeira cultura ocidental é unicamente a europeia, foi elaborada através da colonização. Tal “ideologia” supõe que existam culturas mais desenvolvidas que outras, excluindo a ideia de diversidade e a substituindo por superioridade.

Nos casos em que ocorre a submissão ou o choque entre as culturas que passam a ter contato, os povos em questão estão mergulhados em pré-conceitos e possuem certo grau de “dogmatismo” perante seu modo de vida.

O conflito acontece devido à mistura de culturas e, individualmente falando, de identidade: “[...] À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”⁵⁵.

Do ponto de vista da semiótica, a relação entre culturas diferentes é positiva, isto é, tal concepção não trabalha com a ideia de “choque de culturas”, como antes citado, apoiando-se na suposição de que a convivência não causará danos a ambas. Assim, essa diversidade se resume na “[...] constituição de sistemas de signos que, mesmo marcados pela diversidade, apresentam-se inter-relacionados num mesmo espaço cultural, estabelecendo entre si diferentes diálogos graças aos quais o choque se transforma em encontros gerados de novos signos (...)”⁵⁶. Lembrando que tal colocação engloba o aspecto cultural e também linguístico.

Tal positividade por parte dos estudos da semiosfera em relação à cultura se deve a ideia de que a diversidade é o que constitui e o que está presente em todas as coisas. Sendo assim, a diversidade também deverá ser algo bom no que diz respeito aos signos.

Sem o ponto de vista acima exposto, o conceito de semiosfera não poderia ser desenvolvido, pois este se fundamenta na valorização da diversidade entre as culturas.

Como uma das manifestações mais importantes de cultura, encontra-se a arte. No texto “Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura”, a autora cita a afirmação de Lotman, baseada na ideia de que não existe sociedade sem arte. Esta seria, nesse sentido, a junção de tudo o que é pensado e vivido em certo local. Oferecendo ao homem a

⁵⁵ MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007, p. 17.

⁵⁶ Ibidem.

possibilidade de criar, a arte existe como uma representação do pensamento do homem, auxiliando na compreensão de tudo aquilo que ainda parece desconhecido.⁵⁷

A arte pode ser entendida, nesse sentido, como antropologia, uma vez que é produzida por meio do desejo do homem e de entender e reproduzir o que o cerca. Sua importância está no fato de esta ser um importante elemento constitutivo da cultura.

Já com relação à linguagem, é necessário entender como os signos funcionam dentro das diferentes culturas e qual o seu papel. “[...] Na verdade, a produção cultural vive das interferências que os signos exercem uns sobre os outros, sobretudo aquelas que acontecem nos encontros entre diferentes sistemas culturais (...)”⁵⁸. O diálogo e a linguagem em si possuem lugar central no estudo da semiótica, sendo o campo da semiótica muito importante para o estudo da área.

Apesar de comum, a área em questão é ainda pouco estudada por especialistas, como conclui Irene Machado:

Vivemos numa época em que tudo é considerado linguagem e, no entanto, pouco sabemos sobre os códigos que modelizam tais linguagens e menos ainda de que se alimenta seu processo de significação. Linguagem continua sendo um problema semiótico que nenhum método pode esgotar apesar da magnitude de certas formulações como o dialogismo e a semiótica.⁵⁹

A linguagem está presente em todas as atividades exercidas pelo homem e, apesar disso, não possui a atenção merecida. A área em questão não é limitada, pois envolve aspectos fisiológicos, uma vez que estão ligados às capacidades cognitivas, aspectos sociais, pois, como citado anteriormente, é um fator essencial para a produção da cultura, aspectos psicológicos, pois está ligada às consequências trazidas pelos elementos pertencentes à cultura, além de ser estudada por áreas como a filosofia e a antropologia.

⁵⁷ MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura / Systemic Conception of the World: Biases of the Bakhtinian Intellectual Circle and the Semiotic School of Culture. *Bakhtiniana*, São Paulo, 8(2): 136-156, Jul./Dez. 2013.

⁵⁸ MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiótica**. Annablume: São Paulo, 2007. p. 18.

⁵⁹ MACHADO, Irene. Concepção sistêmica do mundo: Vieses do círculo intelectual bakhtiniano e da escola semiótica da cultura / Systemic Conception of the World: Biases of the Bakhtinian Intellectual Circle and the Semiotic School of Culture. *Bakhtiniana*, São Paulo, 8(2): 136-156, Jul./Dez. 2013. p. 154.

Sobre a linguagem verbal, em específico, é preciso, para entendê-la, deve-se primeiramente, compreendê-la em sua estrutura. Deve-se, portanto, considerá-la nos modos como se dão a organização, a disposição, a ordem dos elementos essenciais que a constituem e, sobretudo, como se realizam as relações entre estes vários níveis. Ou seja, é necessário percebê-la como um todo complexo, um corpo-sistema de elementos relacionados entre si.⁶⁰

Percebe-se, assim, que a linguagem não diz respeito apenas à troca de palavras, como no caso da linguagem verbal. E nem de meras significações, como no caso dos outros tipos de linguagem. Existe, em meio aos meros instrumentos de comunicação, algo maior, com maior significado, a saber, a capacidade do ser humano de comunicar-se de diversas maneiras.

Considerando a linguagem sob o ponto de vista da semiótica da cultura, esta pode ser definida como “qualquer sistema de signos que sirva à comunicação e à produção de cultura, no mais amplo sentido do termo”⁶¹. Sendo assim, a linguagem, dentro do presente estudo, não está relacionada somente ao aspecto verbal, mas engloba também outras formas de comunicação cujo objetivo seja a troca de informação.

É necessário permanecer atento à suposta superação da linguagem verbal durante as outras, sendo imprescindível reconhecer a importância das várias formas de comunicação. Apesar disso, a linguagem verbal é considerada “sistema modelizante primário”, pois possui uma estrutura. Os outros tipos de comunicação são chamados de “sistemas modelizantes secundários”, por não possuírem tal estrutura organizacional.⁶²

A linguagem possui, em sua essência, certo caráter transformador, pois permite ao homem modificar o que está a sua volta. É graças à linguagem, não necessariamente a verbal, que os seres humanos passaram a entender o mundo no qual vivem e tentar dar sentido ao aparentemente inexplicável. Tudo isso foi possível graças à chamada “linguagem auto reflexiva”, ausente nos animais, por exemplo.

⁶⁰ MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007. p. 27.

⁶¹ Ibidem. p. 28.

⁶² Ibidem. p.17.

Dando sentido a todas as coisas, a linguagem encontra-se diretamente ligada à questão culturais, pois a cultura é também o conjunto de manifestações dos seres humanos:

[...] O mundo da cultura é aquele das relações arquitetônicas, por exemplo, daquelas em que o homem se interroga sobre si, sobre seu entorno e, ao fazê-lo, articula relações interativas capazes de enunciar respostas a partir das quais constrói conhecimentos. Este é o mundo dos eventos, dos atos éticos e da atividade estética que constrói respostas que tornam possíveis a geração de outras formulações de sentido.

Independentemente daquilo que foi projetado até hoje ser verdadeiro ou não, é válido considerar, no mínimo, que é “da natureza” do homem transferir para o campo da arte suas interrogações, seus medos e suas descobertas através da arte. Essa neutralidade está presente, inclusive, nos casos das obras de arte que, possuindo linguagem própria, não se limitam à criação, deixando àquele que aprecia a obra parte de seu significado.

Diante de tais considerações, é importante acrescentar que, em um estudo adequado que envolva questões culturais, é imprescindível que o pesquisador e o leitor estejam neutros diante das colocações e costumes das culturas pesquisadas.

Alguns conceitos pertencentes ao estudo da semiótica merecem maiores esclarecimentos.

Começando pelo conceito de texto, Irene Machado explica que este, dentro da semiótica da cultura, deve possuir no mínimo dois tipos de codificação, possuindo certo dinamismo dentro da cultura e sendo responsável por gerar a linguagem. Suas principais funções se resumem em projetar a língua natural, gerar sentidos, englobando várias línguas e “armazenar” o passado, isto é, preservando histórias e lembranças a fim de dar origem a algo novo.

Outro fator importante dentro da área estudada é o conceito de espaço semiótico, que diz respeito ao espaço, literalmente, no qual as relações culturais acontecem.⁶³

É importante analisar, de maneira geral, a maneira como as linguagens se organizam no interior da semiosfera.

⁶³MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007.

O espaço no qual essas relações acontecem possui certa irregularidade, haja vista a diversidade de culturas e o intenso e constante movimento que ocorre entre elas. Essas transformações, muitas vezes, podem gerar tensões. A autora Irene Machado, citando Lotman, define esse espaço como “hierarquia complexa”, que inclui aspectos como a irregularidade citada, composta pelas tensões entre as formas de comunicação.⁶⁴ Ou seja:“(…) as estruturas nucleares de um dado espaço semiosférico com frequência são variados. Com a movimentação entre os níveis, via de regra, a hierarquia é violada, com linguagens e textos chocando-se e sobrepondo-se no interior da semiosfera. (...)”⁶⁵

O conceito de hierarquia está incluso aqui devido à diferença que existe entre linguagens, algumas centrais e outras mais periféricas, podendo variar. Vale ressaltar que, por diversas vezes, tal hierarquia é “quebrada”, quando há sobreposição de uma linguagem sobre a outra, como a linguagem periférica sobre a central. O conceito de irregularidade não se assemelha aqui à ideia de desorganização, pois esta faz parte do espaço de maneira positiva.

A semiose, expressão utilizada para determinar os processos de significação, tem papel imprescindível nessa hierarquia, pois:

[...] é a semiose entre os códigos culturais que organizam a hierarquia complexa da semiosfera. Por isso mesmo é um erro grave tomar tal organização como uma estrutura enrijecida, cristalizada, pois a semiosfera é, sobretudo, o espaço das interações ativas entre esses níveis, havendo nela uma tensão permanente que empurra as estruturas dominantes para a periferia e as estruturas desta para o centro, muitas vezes colocando-as em choque, sobrepondo-as.

Nesse sentido, a semiose é parte integrante da irregularidade presente na semiosfera, lembrando que as relações culturais, principalmente relacionadas à linguagem, podem variar, não sendo engessadas e concretas, do mesmo modo que a linguagem presente no centro em um determinado espaço pode não ser o mesmo presente do centro de outro espaço semiótico.

A cultura também possui tal irregularidade, haja vista as transformações referentes aos costumes e hábitos de um povo.

⁶⁴ Ibidem. p. 35.

⁶⁵ Ibidem, p. 36.

A fim de compreender melhor essas transformações, é necessário reconhecer a importância da semiótica nessas relações. A noção de fronteira semiótica⁶⁶ é vista como fundamental fator que impulsiona as diferenças no espaço semiótico, unindo e ao mesmo tempo separando elementos da linguagem.

A fronteira semiótica une no sentido de enriquecer a troca entre as culturas, fortalecendo a diversidade. Ao mesmo tempo, separa devido ao fato de não permitir a singularidade de um tipo de linguagem, além de estimular um olhar diferente em relação ao outro tipo de cultura, isto é, tendo pessoas pertencentes a outra cultura e linguagem como referência, o resultado é certo distanciamento, uma vez que a cultura passa a ocupar o lugar do outro, não no sentido totalmente positivo da palavra. Por outro lado, é devido a esse tipo de diferença que uma cultura adquire sua particularidade. Nesse sentido, a noção de “outro” contribuiria para a construção de algo novo, pois para ser diferente, é necessário ter o “outro” como referência.

Apesar de diferente, a comunicação sem conflitos entre os diversos tipos de cultura é possível, considerando a necessidade da singularidade entre essas.

A constante transformação dentro dos diversos tipos de cultura permite à essas a construção de seu caráter subjetivo e individual que, na maioria das vezes, é causador da constante mudança de valores de certo povo.

A fim de explorar o caráter prático das teorias apresentadas sobre diversidade de culturas, oralidade e semiosfera em geral, a pesquisa em questão foi realizada a partir de pesquisa de campo, essencial para a compreensão da comunicação entre línguas diferentes.

A pesquisa foi realizada em uma região presente na fronteira entre Amazônia e Peru, sendo observada, principalmente, a forma de comunicação entre peruanos, indígenas e brasileiros em uma feira de alimentos, na qual eram vendidos produtos como frutas e verduras.

A comunicação se dá de forma rápida, por meio da fala e de gestos, como nos casos em que, durante a venda, o cliente pergunta utilizando certo idioma e o vendedor responde utilizando outro. Percebe-se, durante os diálogos, que a interação e o entendimento acontecem de forma clara, uma vez que, apesar de o idioma não ser o mesmo, o entendimento acaba por se dar através da linguagem e prática corporal.

⁶⁶ Ibidem, p. 38.

Além disso, a pesquisa permite perceber que outro facilitador da comunicação é a assimilação do cotidiano da cidade, isto é, o movimento na fronteira, a mobilidade urbana, o clima entre outros, ajudam na construção das relações interpessoais, pois a partir do momento em que o indivíduo passa a se identificar com o local, o dia-a-dia e a cultura, este entende e estabelece um processo comunicativo, sendo ele verbal ou não verbal.

Sobre a relação verbal, especificamente, esta costuma acontecer através da troca de palavras básicas, que formam perguntas relacionadas ao preço das mercadorias. A relação, nesse sentido, é limitada e não se estende, dando ao diálogo certa restrição.

Sobre a relação entre o ser humano, a linguagem e a cultura, a autora Irene Machado cita o biólogo e professor Kalevi Kull, que destaca que a cultura está diretamente ligada à natureza, uma vez que estes dois fatores passaram e passam constantemente por mutações.

Es specular sobre o lugar da cultura na natureza é uma forma de aprender as ações transformadoras (até mesmo de padrões) em processo. Tal é a proposta da ecologia semiótica formulada pelo biólogo e professor Kalevi Kull, do Departamento de Semiótica da Universidade de Tartu (Estônia), autor da pergunta em foco. Nela cultura define o conjunto de ações transformadoras da informação, ao afirmar que “nossa natureza é a cultura”, (KULL, 1998, p. 366), não está restringindo a espécie, mas definindo a qualidade primordial do mundo vivo.”⁶⁷ (grifo do autor)

Nesse sentido, o autor citado por Irene Machado aproxima a cultura da natureza, afirmando, basicamente, que ambas têm o mesmo sentido, haja vista a grande influência da cultura sobre a vida dos indivíduos. Essa aproximação mostra-se evidente na pesquisa, pois nela percebe-se a influência do idioma e da forma de comunicarem-se específicas de cada indivíduo.

Pode-se perceber, durante a análise da pesquisa realizada, que os indivíduos participantes da feira, segundo o relato do presidente da associação de feirantes, adotam palavras uns dos outros, devido à quantidade de tempo que passam juntos e à intensa convivência entre eles. Diante das teorias explicitadas, percebe-se, nesse sentido, a questão da mistura de linguagens, dada pela fronteira semiótica, isto é, a

⁶⁷ MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. In: **Revista USP**. São Paulo, n^o. 86, jun/ago 2010. p. 158.

necessidade de comunicar-se, fez com que os vendedores e consumidores da feira adotassem novas formas de comunicação a fim de facilitar o diálogo.

Outro fato observado foi à adoção de costumes por parte dos integrantes da feira, dando origem a uma troca de hábitos e formas de comunicação. Nesse sentido, trata-se, na pesquisa, de um espaço semiótico que engloba diversas culturas.

Tendo em vista a teoria presente na semiosfera, que não aposta no conflito entre as culturas, percebe-se, a partir da análise da entrevista com o responsável pela feira, que a relação entre os diferentes idiomas e costumes foi proveitoso no convívio da feira, isto é, a diversidade não atrapalhou o convívio e nem as vendas.

Os indivíduos adquiriram novas formas de comunicar-se e conseguiram adequar-se ao ambiente, podendo ser entendido aqui como espaço semiótico. Nota-se que, apesar das dificuldades, os habitantes da região, que são os clientes da feira e os vendedores, preservaram a comunicação independentemente da dificuldade em entender um idioma diferente.

Analisando a diversidade de culturas presente na feira, percebe-se que esta acontece segundo o ponto de vista positivo da semiosfera, isto é, as culturas não entram em choque, mas convivem entre si, estabelecendo relações através da linguagem, não necessariamente a verbal.

3. RECONHECENDO E INTERPRETANDO O ESPAÇO

3.1. A feira municipal de Benjamin Constant: contextualização histórica, caracterização e funcionamento e importância socioeconômica

Nesse tópico inicial procurou-se a partir de informações obtidas junto à Secretaria Municipal de Administração, além de relatos de moradores antigos, fazer o retrospecto histórico do que hoje se conhece como feira municipal de Benjamin Constant, embora tenha a denominação de Feira Coberta do Produtor Raimundo Freitas da Silva. Apresenta-se a forma de constituição inicial de forma rudimentar, bem como os objetivos que foram se modificando no decorrer dos anos até se chegar ao formato atual. A descrição do espaço físico é elemento importante para se compreender como a diferente forma de ocupação dos espaços está relacionada aos modos de estabelecimento das relações entre os diversos sujeitos que constroem o cotidiano dessa feira, por isso deu-se atenção a esse aspecto. A descrição do modo de funcionamento inicial e como isso foi se modificando é outro ponto relatado e discutido no capítulo. É a partir da compreensão desse processo que se pode entender as implicações dos contatos na constituição da atividade econômica, o uso de moeda diferente num sistema de câmbio tão informal a ponto de quase tornar uniforme o que era diverso (moedas diferentes, circulando como iguais) e como isso foi se modificando no decorrer do tempo.

A Feira Municipal de Benjamin Constant, objeto de estudo dessa pesquisa, fica localizada na cidade de Benjamin Constant, ao oeste do estado do Amazonas a qual faz fronteira com o Peru. A cidade possui sua fronteira aberta e, por conta disso, tende a ter uma maior circulação de pessoas com variadas nacionalidades e, conseqüentemente, várias formas de linguagem como meio de comunicação. Contudo, a cidade é pequena, comporta cerca de 28 mil habitantes e, por esse motivo, possui somente uma feira – a já citada acima Feira Municipal.

Sua construção deu-se em razão de os governantes da época perceber que a cidade e sua população precisavam de um lugar no qual pudessem vender seus produtos, uma vez que a maior fonte de renda da cidade seria a agricultura familiar,

tanto dos moradores de origem brasileira – incluindo aí os indígenas, quanto os peruanos. A partir daí, com a iniciativa do governo na criação de Ciclos – medidas que incentivavam o comércio e a produção de alguns produtos.

Na Amazônia, o primeiro ciclo teve foco na questão de produção do ciclo da borracha, ciclo extrativo, estimulando a produção de látex e borrachas em geral, tanto que esse ciclo ficou conhecido como o “Ciclo da Borracha”. Já no segundo ciclo, a atenção estava voltada para a criação de capital que seria a chamada “Zona Franca de Manaus”. Interessa nesse trabalho conhecer o que seria o Terceiro Ciclo: o objetivo desse ciclo foi interiorizar as ações com o intuito de desenvolvimento rural. Sendo assim, a criação de uma feira que ajudasse aos produtores da região a venda de suas mercadorias encaixava-se perfeitamente com a proposta trazida pelo Terceiro Ciclo. Dessa forma a Feira Municipal de Benjamin Constant foi criada.

Imagem 5 – A feira.



Fonte: Autor.

A Feira possui 18 boxes no total, todos colocados à disposição de quaisquer que fossem as nacionalidades de quem quisesse ter o espaço para venda – índio, peruano ou brasileiro (12 de brasileiros e 6 de peruanos). Hoje, os boxes da feira estão todos ocupados por produtores sendo que nenhum indígena usufrui dos boxes. Isso, na verdade, tem uma justificativa cultural. Os indígenas preferem

trabalhar fora dos boxes, trabalham em mesas as quais ficam espalhadas pela Feira, e às vezes colocam os produtos no chão mesmo, protegidos por tecidos (veja figura 3), ao todo são 6 indígenas ocupando mesas. É dessa forma que a Feira é distribuída.

Os produtos que podem ser encontrados dentro da feira variam os indígenas, por exemplo, têm preferência por produtos como melancia e mandioca; Já os brasileiros não – indígenas costumam levar para a venda frutas, em especial, a banana; e por fim, os peruanos apresentam uma maior tendência para a produção de especiarias, por exemplo, o cheiro verde.

Imagem 6.



Fonte: Autor.

A criação da Feira Municipal estimulou o município economicamente, uma vez que disponibilizou um lugar para a exposição dos produtos dos agricultores da região, atraindo assim clientes, que por sua vez vão estimular a agricultura familiar a qual, cada vez mais se torna fonte de renda de muitas famílias da cidade. Basta pensar que com uma renda maior as famílias tendem a gastar mais e isso estimula a economia do município por completo. O retorno deve ser visto na implantação de melhorias para a cidade.

Acerca disto, devido à mistura de etnias no ambiente da feira surge a seguinte questão: quais moedas são utilizadas para a troca comercial da feira? Para

responder a pergunta é preciso levar em consideração que peruanos e brasileiros possuem, por questão social, moedas de troca diferentes. Contudo, em relação a isso, o estudo aqui realizado demonstrou que não surgem grandes problemas a respeito. Três moedas circulam pela feira: o peso, o soles e ainda, o real. Porém, é preciso ressaltar que o real é a moeda de maior circulação, primeiramente por ser a moeda de nacionalidade da maioria dos que ali trabalham e segundo por ser mais valorizada pela população. Desse modo, o real acabou se popularizando entre os frequentadores e hoje, mesmo os não brasileiros utilizam a moeda.

Essas transações comerciais são feitas através do contato linguístico – lembrando que nesse caso, existem pelo menos três tipos diferentes de linguagens. O contato linguístico de um modo ou outro influencia de forma significativa na construção do que é a feira. Sem ele não há transação comercial e, por conta dele, dividem-se os espaços para cada um, os produtos vendidos por cada e assim, é possível a troca comercial e a convivência entre os produtores entre si próprios e para com os clientes. Logo, pode-se compreender que a Feira Municipal de Benjamin Constant atingiu as proporções que possui hoje graças ao contato linguístico, ao campo semiótico criado no ambiente da feira, pois proporciona a construção de variados tipos de relações ali.

3.2. Quantos e quem somos? De onde viemos? Como fazemos? Caracterização dos agentes que por meio da oralidade constituem diferentes relações na feira municipal.

Imagem 7.



Fonte: Autor.

Imagem 8.



Fonte: Autor.

Identificamos os sujeitos que protagonizam as relações comerciais na feira municipal por meio de questionamento direto aos informantes. Identificamos a origem e a etnia, nesse caso, elementos que permitiram estabelecer as diferenças culturais. Registramos a presença de vendedores peruanos e brasileiros indígenas e não indígenas. Discutimos como as relações comerciais acontecem nesse “território” e como o uso da oralidade se faz de maneira diversa nas situações de comunicação. No caso dos indígenas, falam entre si na própria língua, mas com os compradores em português. No caso dos peruanos, há uma espécie de adaptação dos brasileiros ao modo de falar deles, mas a recíproca não pareceu verdadeira. Os posicionamentos apresentados neste capítulo fundamentaram-se em Bourdieu (2005) e em Machado (2007) e Hanks (2008).

Conforme citado anteriormente as relações linguísticas diferenciadas são fundamentais para o andamento da feira, pois sem relação não há troca comercial. É importante destacar esse fato, pois existe uma diversidade realmente grande de etnias na região de Benjamin Constant, as quais costumam frequentar a Feira Municipal da cidade. De acordo com as entrevistas feitas para análise, os indígenas somam grande parte da população total da região, pode-se ter noção disso a partir do seguinte dado: aproximadamente 7 mil indígenas de somente uma etnia – sendo que existem 9 naquela região. Desse modo, nota-se que é necessária a adaptação dos diferentes povos para a língua um do outro, adotando para si um pouco dos hábitos do outro povo.

Nesse contexto, é possível identificar a aplicabilidade da teoria defendida por Bordieu – a *habitus* – pois ao adaptar-se a linguagem do outro um indivíduo está reproduzindo uma cultura diferente da sua, funciona como um processo de aculturação. Esse processo – de socialização moderna – ajuda a contextualizar aqui as relações que podem existir durante a formação de identidade de um povo.

Além disso, deve-se ressaltar aqui que essas adaptações não se dão apenas pelo contato direto que as pessoas têm, mas há também a questão do contexto. É preciso levar em conta que existem influências externas que determinam a necessidade de compreender a cultura de outros povos. Entende-se, portanto, que a Feira de Benjamin Constant pode ser considerada um campo semiótico interessante. Lá, pode-se encontrar variados tipos de linguísticos o que possibilitou verificar como esses contatos se dão.

Além disso, dentro desse campo semiótico, segundo os estudos de Bourdieu (2005), seria possível identificar disputas de poder. Esse fato é evidenciado ao notar-se que a maioria dos indivíduos que ali trabalham são brasileiros e possuem uma mesma língua. Outra coisa que evidencia esse poder relaciona-se à moeda usada: o uso do real mostra que a cultura brasileira é predominante naquele espaço, o que acaba forçando aos demais indivíduos a aceitar essa predominância. Evidencia-se a aplicabilidade da teoria de Bordieu sobre o campo.

Além disso, pode-se citar a teoria de Machado (2007) no contexto da Feira. Para a autora a concepção de campo semiótico é, na verdade, o habitat e os signos presentes na vida dos indivíduos que vivem naquele espaço. Nesse caso especificamente, o habitat é a feira, e os signos são variados: as diferentes línguas e os costumes que precisam interagir para que o processo de comunicação seja concluído. A cultura no ambiente da feira se expressa a partir das relações comerciais.

As diferentes culturas podem ser evidenciadas a partir da foto mostrada a seguir:

Imagem 9.



Fonte: Autor.

No tópico anterior, foi possível ver na imagem 6 como são os boxes dos feirantes peruanos e brasileiros não indígenas que estão presentes na feira. Nas imagens 8 e 9, vê-se como os indígenas, por questão cultural, preferem vender seus produtos. Nota-se que mesmo com culturas diferentes - levando em consideração que seus produtos ficam no chão e que os produtos que eles levam para venda são traços culturais distintos - e modos de vendas diferentes, todos conseguem efetuar suas transações comerciais com sucesso. Desse modo, a interação entre os campos de linguagem traz benefícios para todos.

Evidenciou-se pelos elementos observados e analisados que a Feira Municipal de Benjamin Constant pode ser considerada um campo semiótico de ampla abrangência, o que comprova a teoria de diversos autores, englobando seus signos e seus respectivos significados, promovendo a interação de vários tipos de linguagem e mostrando que existe uma relação de poder de uma língua para com as demais existentes naquele ambiente. O contato de fronteiras anteriormente citado nessa pesquisa pode ser comparado diretamente ao contato linguístico da feira. A população em geral se adapta e adquire conhecimento a respeito da linguagem do outro. Evidencia-se uma forte tendência, em decorrência das diferentes línguas, uma substituição da oralidade por formas comunicativas expressas por diferentes práticas corporais como gesticulação, por exemplo.

3.3. A população da Feira em contato – interpretando as ocorrências de comunicação

Levando todo esse contexto em consideração, este trabalho traz em seu conteúdo, entrevistas que, além das observações feitas, têm como função e objetivo aqui evidenciar a existência do contato de culturas e da existência da semiosfera no ambiente fronteiriço. Nesse caso, em específico, a fronteira em questão é a já citada região de Benjamin Constant-AM, cidade na qual se encontra uma Feira Municipal, local onde se configuram a maior parte dos contatos linguísticos da região. As entrevistas em formato integral situam-se no final desse trabalho.

A feira, apesar de não ter grandes proporções, influência de maneira significativa na economia da região. Basta pensar que é naquele espaço que as pessoas fazem suas compras e estimulam a economia ao pagar aos pequenos agricultores que ali disponibilizam suas mercadorias. Além disso, a feira é um local no qual existem vendedores de três diferentes etnias: brasileiros, peruanos e indígenas. Desse modo, a economia estimulada atinge a esses três universos, embora se deva ressaltar que os comerciantes brasileiros ainda são maioria.

“Evidentemente que pela proximidade com Peru e por existir uma colonização a margem do rio Javari, do lado peruano onde há produção muito grande de banana, de fruta, de hortifrúti grejeiro, de pequenos animais, né... de porcos, galinhas etc. a feira hoje também... se mistura tudo ali”. (dizeres do entrevistado 1)

A existência da feira, desse modo, não influencia de maneira positiva somente a economia do município, mas deve-se pensar além, é a partir da feira que muitos conseguem dinheiro para sustentar suas famílias e isso não se refere apenas aos moradores de Benjamin Constant, mas também, aos que vivem na região da cidade e aos que vivem do outro lado do rio que funciona como divisão de fronteiras – o Rio Javari. A feira contribui também de maneira significativa para a manutenção das famílias indígenas, uma vez que essas podem vender seus produtos artesanais ali dentro da feira.

Outro fator importante sobre a população que frequenta a Feira aqui estudada é o fato de a mesma ser localizada perto do rio Javari, e o mesmo rio mostra que as

culturas, apesar de bastante distintas, possuem algo em comum: buscam por recursos as margens dos rios. Sobre isso, o ex-prefeito da cidade comentou em entrevista:

“Olha, na realidade os rios são as nossas fontes, né... são os nossos caminhos naturais, nossas estradas, nossos... então por uma questão cultural, praticamente tudo está instalado à margem do rio porque é aonde você tem o acesso, onde chegam... principalmente os ribeirinhos que abastecem a feira, né? Então a localização dela as margens do rio Javari, que na realidade não é bem Javari, é o Javarizinho que é o subafluente do Solimões, né, ela se dá em função disso. É pela proximidade e... com o caboclo, com o produtor, com o pescador que traz os produtos através das nossas estradas naturais que são os rios”.

(idem)

Por meio da análise dessa fala, é possível compreender as relações indiretas que, querendo ou não, acontecem entre as culturas. Todas as culturas que norteiam aquela região sentem a necessidade de consolidar a venda de seus produtos naturais ou artesanais. Todas elas também precisam estar perto do rio para a sobrevivência e indo a feira, provam que precisam uma da outra para se manter.

Portanto, a partir dessas premissas, entende-se que existem variados tipos de culturas dentro de uma mesma região. Compreende-se também, que “pequenas amostras” dessas culturas da região citada podem ser encontradas em um mesmo ambiente, nesse caso, a feira Municipal de Benjamin Constant. Sendo assim, os contatos entre essas culturas são significativamente relevantes, uma vez que estimulam o contato linguístico entre os frequentadores, levando em conta que é graças a esse contato de línguas que as trocas comerciais se tornam realizáveis. Por fim, faz-se necessário ressaltar aqui que graças aos contatos linguísticos existentes a economia familiar tende a se manter na região, além de estimular o município a crescer. O ex-prefeito Amauri comentou essa realidade:

“Olha, a feira não deixa de ser importante porque é ali onde tá a produção praticamente aquilo do que nós vivemos, e temos até ainda incipientes no setor primário né, que são os produtos da agricultura familiar que é macaxeira, farinha,

banana, algumas outras frutas e algumas outras verduras. E ela é importante na medida em que isso acrescenta a comunidade uma oferta, e o produtor também acaba lucrando e levando para a sua comunidade algum recurso, algum benefício, para poder melhor definir e melhor organizar essa cadeia produtiva da agricultura familiar”. (Ibidem)

A feira, além de um lugar composto por diversas etnias e, conseqüentemente, culturas variadas, pode ser caracterizada também pela diversidade de produtos ali existentes.

“Olha só, lá na feira tem algumas, alguns boxes, alguns espaços entre bancadas que as pessoas são cadastradas pela prefeitura. Hoje, acho que as que estão lá, elas já estavam, ninguém colocou nem tirou ninguém de lá. A prefeita esta com um ano e seis meses de administração, assumiu a prefeitura em janeiro de 2013, de maneira que eles ali, eles são praticamente feirantes. Uns são produtores e também feirantes, outros não, apenas compram e revendem e também existe lá, além da atividade produtiva, outras atividades, como estiva também, como alimentos né, cantinas, lanchonetes, e a feira se compõem praticamente desse conjunto”

Essa variedade de produtos ofertados no ambiente comercial em questão tem sua real origem na questão da variedade de culturas. Cada cultura tem sua especialização. Existem os indígenas os quais levam as artes artesanais de seu povo para a feira; os brasileiros e peruanos levam o fruto de suas plantações, além de produtos de origem animal – peixe, galinhas, por exemplo.

“É uma feira pequena, gira uma economia talvez, não assim, larga né, um pouco ainda limitada, um pouco estreita, mas ela é um marco importante aqui na região. Porque primeiro, converge pra cá os produtos dos nossos ribeirinhos, das estradas, da nossa sede do município, do Peru, que eles produzem lá e colocam aqui nessa praça de venda, nessa feira, e ate em outros locais de venda, e têm a sua oferta principalmente de horifrúti granjeiro e pequenos animais e ela tem um papel muito importante na nossa realidade econômica”.

(dizeres do entrevistado 1)

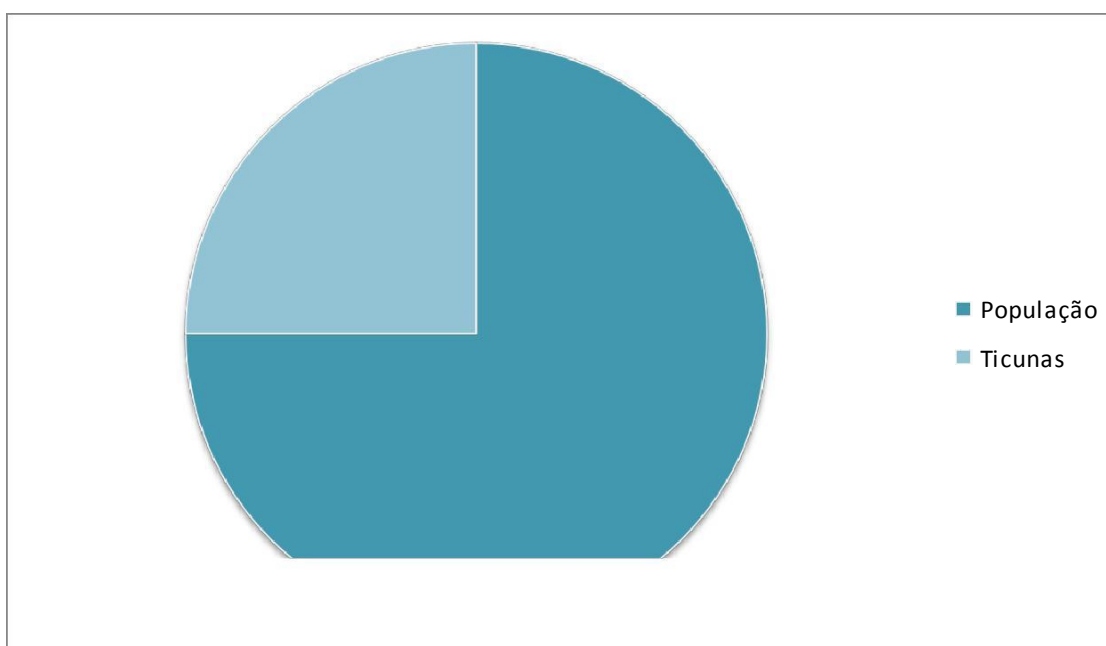
Para entender melhor a questão da diversidade existente ali, faz- necessária aqui a colocação de mais um trecho da entrevista feita com o ex-prefeito da cidade de Benjamin Constant, o qual trata sobre a diversidade de etnias indígenas existentes na região e no município:

“Porque por ser uma fronteira aberta, e pela proximidade do Peru e por ter acentuadamente uma população indígena vultosa né, o Alto Solimões, ele tem hoje cerca de 40 mil indígenas né, o Estado do Amazonas é talvez um dos maiores pólos da etnia Ticuna, e Benjamin Constant deve ter seguramente aí seus 6 ou 7 mil indígenas só dessa etnia. Daí logo próximo Atalaia de muitas outras etnias, os matis, os kurubos, os marugos né... os Kanamaris, enfim, são nove etnias diferentes”.

(idem)

Chama a atenção o dado fornecido pelo ex-prefeito no que se refere à quantidade de indígenas de uma mesma etnia – 6 ou 7 mil Ticunas na região. Pode-se considerar esse número bastante alto se pensar que em toda a cidade moram aproximadamente 28 mil habitantes. Ou seja, os Ticunas representam parcela significativa da população (cerca de 25%):

Gráfico 1 – População Ticuna (%).



Fonte: Autor.

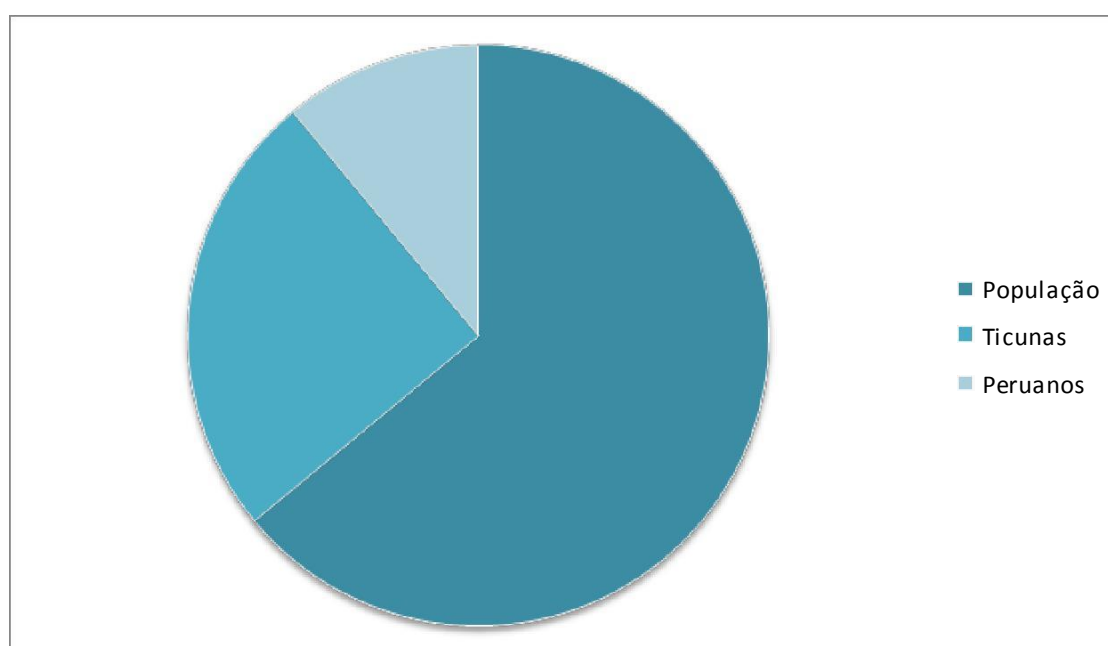
Com o gráfico 1 acima é possível perceber o quão grande o número de habitantes da etnia Ticuna é. Além disso, a fala do ex-prefeito faz pensar que se 7 mil são de uma única etnia, existe um montante grande de habitantes indígenas pertencentes a outras etnias, fato que tornaria os indígenas quase metade da população existente na cidade. Tornando esse, mais um fator que torna o município um grande complexo de culturas e a sua feira o encontro de todas elas.

No que se refere aos habitantes e frequentadores da Feira de origem peruana, as entrevistas mostraram que existe um número considerável dos mesmos. O suficiente até para criar uma colônia dedicada a essas pessoas:

“E o peruano, que é muito próximo aqui a nós, por essa fronteira aberta que nos separa apenas uma divisão natural que é o rio Javari, ele tem uma origem cocama, né (...) Existe, mas a gente acaba se entrelaçando e esse comercio hoje ta muito aberto na nossa cidade, uma colônia peruana com mais de 3 mil elementos, 3 mil indivíduos. Então essa é uma realidade que nós temos que conviver”.

(dizeres do entrevistado 1)

Gráfico 2 – Amostra da população em Geral (%).



Fonte: Autor.

Embora 3 mil habitantes da colônia não seja um número que possa ser comparado ao número de habitantes de origem Ticuna, pode-se perceber pelo gráfico acima que representa uma parcela realmente grande da população. Tornando ainda mais evidente a existência do “choque” de culturas que existe naquela região. Mesmo assim, a predominância do campo linguístico continua sendo brasileira. Talvez por essa razão, as relações entre todas essas etnias nem sempre funcionem de maneira padronizada.

“[...] E tudo isso faz parte de uma cultura, eu diria múltipla né, plural. E que na realidade, ali a gente vive tentando empreender espaços né, há uma reação às vezes de certa forma, de alguns brasileiros que rejeitam os peruanos porque eles falam o seguinte: ah, mas lá no Peru ninguém consegue chegar lá e montar nossa banca pra ver o nosso, não é verdade?”

(idem)

Desse modo, entende-se que a feira, ao mesmo tempo em que faz a junção de todas as culturas ali existentes e promove os contatos linguísticos os quais são objetos de estudo do trabalho aqui presente, também acolhe em seu espaço problemas de âmbito relacionais como os citados pelo ex-prefeito. Esses conflitos, por muitas vezes, causam não só o estranhamento entre os indivíduos, mas passam a exigir dos envolvidos no processo maneiras diversas de adaptação ao modo de falar do outro como forma de garantia na interação linguística dos mesmos, é como se o campo semântico fosse se regenerando, os significados e significantes passam então a ter os seus sentidos levados a outro nível pela necessidade da convivência harmônica em decorrência das trocas culturais.

No que se refere à feira em si, deve-se ressaltar que a mesma não possui grande porte, existem 18 boxes na feira no total, sendo que os 18 então, hoje, ocupados. Vale lembrar também que os boxes são compostos por comerciantes brasileiros e peruanos, cada um com seus produtos e características. Quando perguntado sobre o tipo de produtos que os peruanos costumam vender na feira, o Presidente da mesma respondeu que:

“Eles vendem de tudo. Tudo o que eles vendem mais, (...) uma banana, um cheiro verde, assim, é... mamão. Por exemplo, cada um tem que vender (...) vem maçã, vem uva, de tudo eles vendem. Tudo, tudo”.

Ou seja, os peruanos, mesmo com cultura diferenciada dos brasileiros vendem produtos que são também da cultura brasileira e conhecidos por quase todos os que são dessa nacionalidade, mostrando o quão próximas essas culturas podem ser.

Além dos produtos peruanos, destacam-se também os indígenas e novamente, no que se refere aos índios pode-se ver que a questão da alimentação une essa determinada cultura a outras totalmente diferentes:

“Esses que trabalham na feira, eles compram pra revender. Esses que estão trabalhando aí. Agora os outros deles, quando daqui a mais uns dias que, trabalhando aí, eles já vão plantar melancia. Aí eles vão trazer os produtos deles mesmos, que ele plantou, mais é melancia. Época da melancia e o rio tá cheio, eles não vão, eles ficam trabalhando na feira, e eles, quando o rio tá secando, eles vão plantar na roça né, que é a mandioca que eles gostam e a melancia.”

(dizeres do presidente da associação de feirantes de Benjamin Constant)

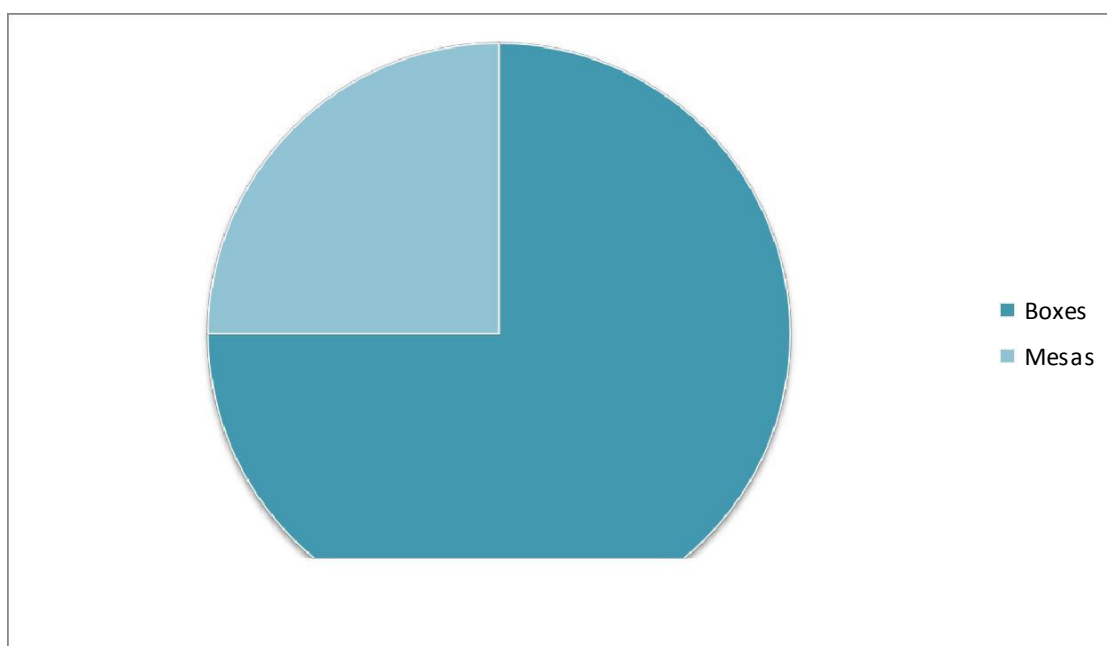
Saindo da questão dos produtos vendidos e voltando a atenção para a estrutura e a distribuição dos feirantes pelo espaço disponível na feira, os dados são bastante simples. Existem 18 boxes espalhados pela feira para que os comerciantes possam colocar seus produtos a venda. Além dos boxes, a feira dispõe também de mesas que ficam localizadas na feira para os comerciantes que não possuem o cadastro em um dos boxes. A procura por esses boxes é grande pelo que demonstra o presidente da feira nessa fala:

“Hoje não tem nenhum box disponível, mas, assim, se eu não vou mais trabalhar lá eu chego lá com o rapaz que é o fiscal e entrego, olha, eu não vou trabalhar mais, vou entregar pro fiscal aí o fiscal chega lá e tem aquelas (...) e chama aquela pessoa, se quiser (...)”. (idem)

As mesas espalhadas pela feira são utilizadas predominantemente pelos indígenas que ali trabalham. Segundo o presidente, foi preciso que houvesse insistência para convencê-los a colocar seus produtos nas mesas, pois muitos deles preferiam colocar os produtos no chão para expor à venda. Nota-se que essa atitude é, na verdade, novamente uma questão cultural.

“Tem, tem muitos indígenas agora trabalhando, porque agora os indígenas, eles não podem trabalhar no box, eles preferem trabalhar fora. Eles, antes, eles não queriam nem colocar na mesa, queriam colocar o produto no chão, aí a gente veio falando com eles que colocassem em cima da mesa, era melhor do que ficar colocando no chão.” (ibidem)

Gráfico 3 – Distribuição das “acomodações” da Feira Municipal de Benjamin Constant.



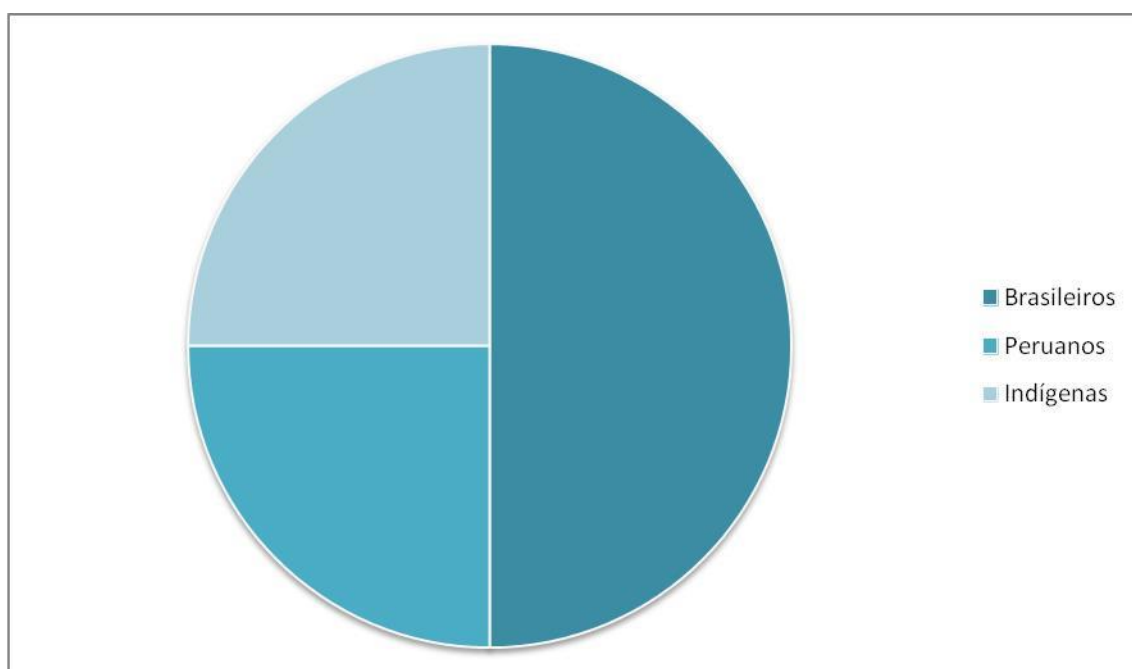
Fonte: Autor.

Essas mesas de acordo com os dados oferecidos pelo presidente seriam ocupadas por 6 comerciantes indígenas, formando um total de 24 comerciantes na feira – 18 em boxes, utilizados por brasileiros e indígenas, e 6 em mesas. Ainda de segundo informações dadas pelo presidente durante entrevista, os indígenas sentem-se incomodados em utilizar os boxes:

“Não, eles não querem, eles falam, eles querem ficar na mesa. Na mesa pode escapular um pouco, eles já querem colocar no chão, eles querem tá ali, porque eles acham que ali é ruim demais”. (ibidem)

Logo, de acordo com as informações dadas acima é possível concluir que existem, como na questão da habitação da cidade, um número maior de comerciantes brasileiros do que das outras etnias existentes na feira. Um dos principais motivos, claro, é a maior quantidade de brasileiros na cidade, e ainda, o fato de os brasileiros não serem muito receptivos para com os peruanos, conforme citado pelo prefeito anteriormente. O gráfico abaixo ilustra melhor essa realidade.

Gráfico 4 - População da feira.



Fonte: Autor.

Conforme o gráfico, a realidade da população dentro da feira distribui-se da seguinte maneira: 25% indígenas- sendo sua maior parte de nacionalidade brasileira, 25% peruanos e 50% brasileiros não indígenas. Deve-se chamar a atenção para um dado interessante fornecido pelo presidente da associação dos feirantes:

“O maior número é brasileiro, é brasileiro. Agora o que dá mais produtos mesmo “é” os peruanos”.

(dizeres do presidente da associação de feirantes de Benjamin Constant)

Outro fato curioso diz respeito aos produtos que ficam disponíveis para compra na feira. Principalmente os indígenas e os peruanos costumam levar produtos de acordo com a época do ano. Estratégia bastante útil para vendas, uma vez que datas específicas tendem a demandar produtos específicos das datas em questão:

“Isso, no que tiver dando, por exemplo, essa época é mais ingué, iame e o que tiver dando eles trazem. Aí de segunda feira, toda segunda feira chega os produtores, produtores Peruanos, sem ser indígenas, aqueles que chegam naqueles barcos, eles trazem muitas bananas, trazem couve, trazem galego, aí eles já são produtores peruanos mesmo, encostam aqui e levam pra Benjamin Tabatinga, que ai eles trazem, bananas, galinha, carneiros, porcos, eles trazem tudo”.

(idem)

Tendo esse contexto como referencial, é válido pensar que para que tudo isso exista e funcione, as questões as quais são referentes à linguagem oral utilizada por esse três tipos de povos diferentes, tornam-se essenciais. No entanto, ao contextualizar os processos de vendas da feira surge a seguinte questão: há dificuldade de comunicação entre os que por ali passam? Para responder a questão segue abaixo um trecho da entrevista com o presidente da Feira Municipal, James Batista Ferreira:

Entrevistador: E como funciona essa comunicação de vocês com eles, é tranquila? Já falam, né?

Entrevistado: *É tranquila, a gente já entende algumas palavras do tipo “noi é” entendeu? Também... do... É mais fácil né? Quanto mais acostumado, mais entende mais.*

(...)

Entrevistador: Hummm interessante, e o processo comunicativo é aquela coisa né? O Brasileiro fala português, ele fala o dele e cada um tenta entender.

Entrevistado: *Isso (risos) tenta entender*

Entrevistador: E na feira nas relações comerciais assim, o..., circula ao venderem, né? o... os peruanos ao venderem é o mesmo processo? Cada um tenta se entender?

Entrevistado: *É o mesmo porque, o Ticuna ele vem mais, ele pode trazer a galinha, a farinha, vamos dizer... ai a banana, então a gente já sabe que eles chamam, é...A banana de Poi, a farinha de Oi e a galinha de Opá, ai o produto que eles trazem mais, um monte de produto, já pode ir lá e já vai conhecer.*

No que se refere à moeda utilizada, pode-se perceber que não há grandes dificuldades para efetuar as transações:

Entrevistador: Hummm eu sei... E com relação à questão de dinheiro, circula também o dinheiro... o peso também circula?

Entrevistado: *Circula o peso, o soles, e também é só mais o peso e o real mesmo, por que o soles o pessoal diz que é baixo então o pessoal não quer receber.*

Entrevistador: Mais assim ainda ele também circula.

Entrevistado: *Também, a gente... tem 3 moedas ...traz o dólar, tem o real o peso e tem o soles né. Ai sai essas moedas ai que a gente recebe né.*

O que se percebeu durante as observações é que realmente pode-se encontrar circulando as três moedas. O soles é menos frequente, acredita-se que pelos motivos levantados pelo entrevistado, pois se observou situações de recusa de recebimento por parte de feirantes por acharem que valia menos. Outro fato interessante é a convivência harmônica do real com o peso. Há uma espécie de “câmbio natural” que nivela por igual às duas moedas em valoração. Não se percebeu nenhuma recusa de recebimento por peruanos, brasileiros ou ticunas de qualquer uma das moedas nas relações de venda e compra na feira. Nestas situações, um fator interessante chamou a atenção. Além da utilização de gestos para indicar os produtos que desejam comprar, os compradores costumam aprender “palavras-coringa” que facilitem a comunicação. Com os ticunas, por exemplo, as palavras que denominam produtos mais comuns de compra são aprendidas como banana (poi), farinha (oi) e galinha (opá). É uma situação que se assemelha ao

recurso que estrangeiros utilizam ao visitar países cujas línguas diferem das suas. A diferença é que a utilização desse recurso por turista ocorre de forma eventual, enquanto no caso da feira em Benjamin Constant-AM, isso acontece constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, a partir do estudo aqui realizado, fez-se possível conhecer uma cidade que não é conhecida pela maioria dos brasileiros, cidade essa que apresenta exatamente as características do povo brasileiro: a mistura de etnias. Benjamin Constant-AM mostra a possibilidade da vivência de diversos povos, com cultura, costumes e crenças totalmente diferentes e que mesmo assim, convivem em harmonia. Lá, encontram-se, além de brasileiros, peruanos – vindos da fronteira com o Peru – e indígenas – tanto os índios brasileiros, quanto os índios peruanos. No que se refere, especificamente, aos indígenas, têm-se um dado interessante, o fato de que existem na região cerca de 10 etnias diferentes. Uma população considerável. Logo, compreende-se que Benjamin Constant é um local marcado pela diversidade cultural.

Tento isso em vista, fica claro que as relações interculturais da cidade são feitas de modo peculiar. Basta imaginar-se diante de indígenas e peruanos - os quais possuem a linguagem diferente da língua portuguesa – convivendo diariamente com uma população cujo idioma oficial é o português. A primeira ideia que se passa é a de que devem existir muitas dificuldades no processo de comunicação entre eles, contudo, não fora isso que o estudo mostrara.

De acordo com o referencial teórico discutido aqui, sabe-se que as relações interculturais entre fronteiras exigem que as pessoas se adaptem ao campo no qual estão inseridas. Cada cultura adota para si um conjunto de símbolos utilizados no processo comunicativo, a criação de um padrão deixa a comunicação mais fácil e ágil, além de representar e auxiliar na criação de do que é conhecida como “identidade cultural” – nada mais do que as características adquiridas por um grupo social, e que pertence somente a ele. Logo, a comunicação acaba sendo feita da maneira que for mais fácil, não só pela linguagem verbal oral, mas também por gestos e, por vezes, pelo uso da escrita. Sendo assim, é fato que a comunicação existe entre esses povos, e se dá de uma maneira ou de outra, pois a vivência em sociedade exige.

A divisão das identidades culturais se dá também através de uma divisão territorial: a fronteira. A partir disso, constatou-se que a fronteira funciona como um

divisor de costumes, hábitos e crenças de grupos sociais que se encontram às suas margens. Quando se fala de costumes, hábitos e crenças quer-se dizer divisão de povo, de economia, divisão política, e claro, divisão de território. Geralmente, nas fronteiras existentes dentro de um mesmo país, o grupo social localizado de um lado da linha de fronteira adquire uma cultura diferente da do grupo social presente do outro lado. No entanto, nas regiões de fronteira com outros países acontece uma mistura, que em virtude dos diferentes contatos, apresenta peculiaridades já elencadas no presente trabalho.

A partir dos estudos aqui realizados, foi possível verificar que as diferenças culturais entre os três povos os quais vivem na região não interferem de forma significativa na vivência social desses indivíduos. Na cidade, o lugar estudado – A Feira Municipal de Benjamin Constant – evidenciou isso. As realizações comerciais dentro da feira ocorrem normalmente sem grandes percalços. Tomando como base as entrevistas realizadas e a observação do ambiente da feira, notou-se que o campo semiótico da mesma – formado por diversas culturas e linguagens diferentes – não é comprometido.

Nesse sentido, pode-se dizer também que dentro do campo da linguagem existe um jogo de poder disputado pelas línguas e suas respectivas culturas habitantes de um mesmo lugar. No caso de Benjamin Constant, pôde-se ver que a língua dominante da cidade e, claro, da Feira Municipal é a língua portuguesa. Assim sendo, diz-se que a língua portuguesa exerceu seu poder sobre as línguas indígenas e a língua utilizada pelos peruanos, levando em conta que, por ser a língua portuguesa a mais usada, os habitantes da região que possuem outra língua têm de adaptar a ela. Esse fenômeno é comum em regiões de fronteira. No entanto, é preciso ressaltar, que mesmo sendo predominante a língua portuguesa, pelo fato de ser a língua oficial do Brasil, território em que se localiza a feira municipal de Benjamin Constant-AM e que não há comprometimento na comunicação em decorrência das relações comerciais, chamou a atenção a não-preocupação dos peruanos ou dos ticunas em procurar desenvolver em profundidade a utilização da língua portuguesa, pelas observações durante a pesquisa surgiu à inquietação para se descobrir os motivos de tal comportamento, mas isso é objeto para outra investigação.

Tendo todo esse contexto discutido, entendem-se como cultura as experiências de vida de um indivíduo e o que ele absorve disso. A identidade está intimamente e diretamente ligada a esse termo, uma vez que a formação da identidade de uma pessoa é dependente da cultura na qual a mesma está inserida. A linguagem é parte importante da identidade formada pela cultura, pois, primeiramente faz parte da cultura, que por sua vez, faz parte da identidade. É ela também um dos principais marcadores de diferenças, isso porque, se um indivíduo chega a um lugar cuja linguagem é diferente da sua, logo, todos saberão que ele não é dali. Além disso, a linguagem é o principal tipo de processo usado para a comunicação dentro dos grupos sociais, é ela a responsável pela interatividade entre os seres e suas respectivas sociedades.

Constatou-se ainda que a divisão de fronteiras contribui na formação das variadas formas de cultura. Além disso, entende-se a diferença entre limite territorial e fronteira entre os países.

A semiótica é uma área que trata da semiosfera. É o campo no qual se enquadram as relações que acontecem “no espaço cultural habitado pelos signos” e dentro dela, encontra-se a semiótica, área a qual busca compreender os símbolos adotados por uma sociedade para que haja comunicação. Dentre esses símbolos pode-se citar o idioma.

A feira de Benjamin Constant fora o campo semiótico estudado. Lá se fez possível ver e compreender como se dão as relações linguísticas, com ênfase no uso da oralidade, entre os diferentes povos com suas variadas línguas. Constatou-se que apesar das diferenças não havia grandes dificuldades na realização de compras e vendas, todos conseguiam se comunicar e a entender uns aos outros, destacando-se a substituição da oralidade por práticas corporais como forma de garantir a comunicação. Apesar disso, pode-se perceber também, que todos os grupos sociais ali presentes fazem questão de manter seus costumes, a exemplo do grupo dos indígenas, que faziam questão de vender seus produtos no chão, em panos esticados e pela calçada da Feira Municipal, enquanto os não-indígenas e peruanos preferiam colocar seus produtos nos boxes e mesas espalhados pelo local.

Por fim, conseguiu-se mostrar que a linguagem influencia de forma profunda a vida dos seres humanos, mostrou-se o quão importante ela é e que, mesmo com muitas variedades linguísticas existentes no planeta, há sempre a possibilidade de

comunicação e que por força dos contatos, muitas possibilidades diversas de comunicação podem ser “engendradas”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Siqueira. **Semântica e estilística**. Universidade Castelo Branco. – Rio de Janeiro:UCB, 2008. - 36 p.: il. ISBN 978-85-7880-024-6.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2008.

APPEL, Rene; MUYSKEN, Peter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

ARRUDA, Rinaldo S. V. **Fronteiras e identidades**: os povos indígenas na tríplice fronteira Brasil – Bolívia – Peru. Projeto História, São Paulo, n. 39, p. 159-178, jul/dez. 2009.

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. **Turismo e fronteira**: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. Passos. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural. Vol. 9(3). 2010.

BATISTA, D. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Valer, 2007.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 12. ed. Campinas – SP: Pontes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. São Paulo: USP, 1996. In: LIMA, Amauri de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé**. 2009.108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Minuit. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20, 1980.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20, 1983.

CASTELLO, I. R. Áreas de fronteira: territórios de integração, espaços culturalmente identificados? In: **Práticas de identificação nas fronteiras**: temas para o Mercosul. Porto alegre: Ed. Da UFRGS, Instituto Goethel CBA, 1995.

COELHO, Pedro Motta Pinto. **Fronteiras na Amazônia: um espaço integrado**. Fundação Alexandre de Gusmão – FUNAG. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais – IPRI. Brasília, 1992.

COSERIU, Eugenio. Sentido y tareas de la dialectología. México, D.F.: Instituto de Investigaciones Filológicas de la Universidad Nacional Autónoma de México, 1982. In: LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** 19. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEL RIO, José M. V; CARDIA, Lais M; SANCHEZ, José Luiz F. Etnografia das Fronteiras Políticas e Sociais na Amazônia ocidental: Brasil, Peru e Bolívia.

REVISTA ELECTRÓNICA DE GEOGRAFÍA Y CIENCIAS SOCIALES. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B.21.741-98. Vol. XIII, núm. 292, 1 de junio de 2009 [Nueva serie de Geo Crítica. Cuadernos Críticos de Geografía Humana]. [online]. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-292.htm>

ELIA, S. **Sociolingüística: uma introdução.** Rio de Janeiro: Ed. Padrão, 1987.

FREIRE, J. R. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia.** Rio da Janeiro: Atlântica, 2004.

GARCIA, Fernando Cacciatore de. Fronteira iluminada, história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920). Porto Alegre: Sulina, 2010. In: LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez 2011.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** 11. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale.** Paris: Larrousse, 1975.

HALL, Stuart. (Org.) **Representation.** Cultural Representation na Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HENN, Ronaldo. Memória e arte na semiosfera midiaticizada. In: **Conexão – Comunicação e Cultura.** ICC, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, jul/dez 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Amazonas, Benjamin Constant – dados gerais do município.** 2014. [online]. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/4JQN>>

JOBIM, Anísio. **Panoramas amazônicos.** VI – Benjamin Constant. Manaus: Imprensa Pública, 1943.

LAFIN, Gabrielle Carvalho. **O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras.**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Instituto de Letras. Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre. Dez/ 2011.

LIMA, Amauri de. **Identidade, memória, oralidade e escrita em Narradores de Javé**. 2009.108f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Cascavel, 2009.

LIMA, Maria da Graça S. B. **Os usos cotidianos da escrita e as implicações educacionais: uma etnografia**. Teresina; EDUFPI, 2006.

LOTMAN, Yuri; USPENSKIJ, Boris; IVÁNOV, V. **Ensaio de semiótica Soviética**. Lisboa: Horizonte, 1981.

MACHADO, Irene. Cultura em campo semiótico. In: **Revista USP**. São Paulo, n^o. 86, jun/ago 2010, p. 157-166.

MACHADO, Irene. **Semiótica da cultura e semiosfera**. Annablume: São Paulo, 2007.

MACHADO, Irene. Por que semiosfera? In: **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: FAPESP/Annablume, 2007a. p.15-23.

MANÉ, Djiby. As Concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, v. 4, n. 1, p. 39-51, jan./jun. 2012. www2.unucseh.ueg.br/vialitterae. **Revista de Linguística e Teoria Literária**. ISSN 2176-6800.

MARQUES, Maria Helena D. Estudos semânticos. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. In: ANDRADE, Carlos Siqueira. **Semântica e estilística**. Universidade Castelo Branco. – Rio de Janeiro: UCB, 2008. 36p. ISBN 978-85-7880-024-6.

MARTINS, M. H. (Org.). **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina**. São Paulo: Ateliê, 2002.

MATOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível em: www.ines.org.br acesso em 21/11/2013.

MERREL, Floyd; Yuri Lotman, C. S. Pierce e semiose cultural. In: **Galáxia – Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura**. São Paulo: PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 5, abril 2003, p. 163-185.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

MORTIER, Jeanne M. **Pierre Teilhard de Chardin: o pensador universal**. São Paulo: Cultrix, 1981.

REIS, Rodrigo Braga de Oliveira. **Territorialidades e conflitos em fronteira: os**

matsés na Fronteira Brasil – Peru. XI Congresso Luso Aro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)igualdades. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Ago. 2011.

RISÉRIO, Antonio. Em defesa da semiodiversidade. In: **Galáxia - Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura**. São Paulo: PEPG em Comunicação e Semiótica, n^o. 3, 2002, p. 19-26.

RIVAS, Verônica Elizabeth. **Português e espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia**. I CIPLOM - Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL. PG – UFMS. Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010 ISSN - 2236-3203 - p. 1.

SANTOS, Gláucia Felismino dos. **Contato linguístico na região de fronteira Brasil/Uruguai**: a entonação dialetal em enunciados assertivos e interrogativos do português e do espanhol. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Neolatinas, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu**: uma leitura contemporânea. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002, Nº 20.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira**: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. Línguas do Brasil/Artigos. UFSM. Centro de Artes e Letras. [online]. Acessado em Jun/2014. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a21v57n2.pdf>

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo: Annablume, 2005.

VERNADSKY, Wladimir. **La Biosphère**. Paris: Diderot, 1997.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Portugal, n. 14, 2004, p. 35-41.

ANEXOS

Anexo 1 - Transcrição

Áudio 1 – Entrevista Informante 1

Entrevistador: Então, bom dia seu Amauri... gostaria que o senhor primeiro, é... dissesse para mim seu nome completo (*correto... - Amauri ao fundo*), é...quanto tempo que o senhor mora na região (*certo...- Amauri ao fundo*), né... inicialmente só pra ficar registrado né...esse primeiro momento, assim... quanto tempo que o senhor mora aqui (*perfeito professor – Amauri ao fundo*)- , se o senhor é realmente natural (*sou- Amauri ao fundo*), se nasceu aqui...na região....

Entrevistado: *Ta, meu nome completo é José Amauri da Silva Maia, sou natural de Benjamin Constant, nascido em 1952, né... essa semana eu vou completar sessenta e dois anos (óhh, parabéns - entrevistador ao fundo) e... sai, estudei fora um período né, estudei em Manaus, conclui uma graduação em engenharia, na área de florestas e voltei pra minha cidade né... to por aqui, no meio político né...*

Entrevistador: O senhor foi prefeito aqui?

Entrevistado: *Fui prefeito por um período de oito anos... fui prefeito no período de 1997 a 2004, fui prefeito eleito e reeleito, né... então, dirigi o destino do município por oito anos.*

Entrevistador: É... como o foco da minha pesquisa, ele está voltado para as relações é...as implicações que o uso da oralidade tem nas relações comerciais na feira municipal, é muito importante para mim compreender é... o processo de implantação, o surgimento, o projeto de criação dessa feira, que deve ter fatores que suscitaram no surgimento dessa feira. E aí, assim, eu gostaria de inicia, eu ia te perguntar como que surgiu a, a... de onde surgiu a ideia de se construir um espaço específico para a feira municipal de Benjamin Constant?

Entrevistado: *Perfeito professor, eu, assim... Benjamin Constant é uma cidade de médio porte do estado, né... situada na fronteira oeste do estado do Amazonas e faz limite com o Peru. E é uma fronteira aberta e... aqui como a proximidade é de uma ilha*

chamada Islândia né... onde tem uma pequena estrutura, onde tem um prefeito, né...essa proximidade é um povo que vive praticamente entrelaçado, né... e uma cidade, no mínimo, acho que mesmo pequena, acho que ela tem que ter uma feira, tem que ter um mercado né... e essa, essa demanda, ela, ela surgia na medida em que os nossos produtores, eles queriam espaço, pra poder é... colocar os seus produtos a venda e tal. Então em 1998, com recursos do terceiro ciclo, eu prefeito na época, e através de convenio com o governo do estado construiu essa feira municipal. Do mesmo modo que construí o mercado. Logo ao lado. O mercado Getúlio Franco de Alencar, com recursos próprios da prefeitura. Lá não foi convenio. E então, a partir daí a feira, ela que seria uma feira do produtor, onde você pudesse colocar ali os produtos vindos direto do produtor... é, pra poder colocar-se a disposição da população. Evidentemente que pela proximidade com Peru e por existir uma colonização a margem do rio Javari, do lado peruano onde há produção muito grande de banana, de fruta, de hortifrúti grejeiro, de pequenos animais, né... de porcos, galinhas etc. a feira hoje também... se mistura tudo ali. Né? Ta misturado brasileiro, peruano, atravessador, né? Produtor... é uma torre de Babel aquilo ali, é uma confusão né professor... então é assim, e de maneira inclusive..., hoje a atual administração do município, ela tem nos seus planos construir uma feira nova... né... talvez ali próximo mesmo, mais no sentido do Guarapé de Esperança, Foz do Guarapé de Esperança, e que ela pudesse ser mais ampliada, que ela pudesse ser realmente uma feira do produtor. Além disso, criar também feiras itinerantes né, porque é a única feira que a cidade tem. Uma cidade que hoje já deve ter em torno de 27 ou 28 mil habitantes, a sede do município, então apenas uma feira hoje não atende a população né? E o espaço é pequeno, você ve coisas esparramadas ali pelo chão... vê verduras, vê coisa ali tudo de qualquer jeito... e de maneira que nós temos no planejamento municipal a construção de uma feira nova, onde o produtor possa colocar melhor seus produtos.

Entrevistador: Ok é... aproveitando assim, existe alguma especificidade ou algum motivo pela localização dela ali á margem do rio?

Entrevistado: Olha, na realidade os rios são as nossas fontes, né... são os nossos caminhos naturais, nossas estradas, nossos ...então por uma questão cultural, praticamente tudo está instalado à margem do rio porque é aonde você tem o

acesso, onde chegam... principalmente os ribeirinhos que abastecem a feira, né? Então a localização dela as margens do rio Javari, que na realidade não é bem Javari, é o Javarzinho que é o subafluente do Solimões, né, ela se dá em função disso. É pela proximidade e... com o caboclo, com o produtor, com o pescador que traz os produtos através das nossas estradas naturais que são os rios.

Entrevistador: A gente percebe também pela inscrição que a feira, pelo menos o prédio ali, ele tem uma denominação: Raimundo Freitas da Silva (certo-Amauri ao fundo), porque essa... de onde? Qual origem? Quem foi o Raimundo?

Entrevistado: *Olha, esse nome não foi colocado por mim quando eu fui prefeito né... a feira ela era a feira do produtor, não tinha um nome né... mas o prefeito anterior ao atual, a prefeita atual, prefeita Iracema, ele denominou essa feira é... Raimundo Freitas da Silva que era conhecido como Seu Raimundão, que foi vereador, que foi presidente da câmara municipal e também era agricultor. Seu Raimundo ele era conhecido aqui na área por ser um dos maiores produtores de cana-de-açúcar e vender uma já famosa garapa né. Então mais em função disso, não é... e o Seu Raimundo foi o pai de criação do ex-prefeito José Maria Junior, então ele é uma homenagem ao pai de criação e acabou denominando, acho que de forma até adequada, ao nome da feira...Seu Raimundo Freitas da Silva.*

Entrevistador: Puxa que interessante... É... de certa forma o senhor já falou, mas com mais especificidade, de quem foi à iniciativa de construir a feira principal?

Entrevistado: *Ah foi nossa na época desde que eu assumi a prefeitura e havia essa demanda né. A cidade não tinha uma feira, então na época o Governo do Estado criou um programa chamado Terceiro Ciclo. O que seria o Terceiro Ciclo? O primeiro ciclo foi chamado na Amazônia, de o ciclo da borracha, ciclo extrativo né, da madeira, das gomas elásticas né, do látex, da borracha etc. O Segundo Ciclo, que é mais voltado ao capital, seria a Zona Franca de Manaus. O Terceiro Ciclo seria você interiorizar as ações e o desenvolvimento rural. Então através do Terceiro Ciclo, à época, nós apresentamos ao então governador, o governador Amazonínio Mendes uma proposta de construção de uma feira, de uma estação de piscicultura, que nós construímos aqui e que até hoje funciona, e também de implementar outras atividades no setor primário como criação de pequenos animais, como implantação*

de uma fábrica de ração, a construção de um viveiro de mudas né, árvores florestais, frutíferas e ornamentais, que infelizmente ficou um pouco em segundo plano né e nós temos até um plano para retomar essas prioridades né.

Entrevistador: Ok, e... o funcionamento da feira, como se organiza o processo de distribuição desses espaços para o produtor? Como funciona essa distribuição?

Entrevistado: *Olha só, lá na feira tem algumas, alguns boxes, alguns espaços entre bancadas que as pessoas são cadastradas pela prefeitura. Hoje, acho que as que estão lá, elas já estavam, ninguém colocou nem tirou ninguém de lá. A prefeita esta com um ano e seis meses de administração, assumiu a prefeitura em janeiro de 2013, de maneira que eles ali, eles são praticamente feirantes. Uns são produtores e também feirantes, outros não, apenas compram e revendem e também existe lá, além da atividade produtiva, outras atividades, como estiva também, como alimentos né, cantinas, lanchonetes, e a feira se compõem praticamente desse conjunto.*

Entrevistador: Ok. Para o senhor qual a importância da feira municipal para a economia do município?

Entrevistado: *Olha, a feira não deixa de ser importante porque é ali onde ta a produção praticamente aquilo do que nós vivemos, e temos até ainda incipientes no setor primário né, que são os produtos da agricultura familiar que é macaxeira, farinha, banana, algumas outras frutas e algumas outras verduras. E ela é importante na medida em que isso acrescenta a comunidade uma oferta, e o produtor também acaba lucrando e levando para a sua comunidade algum recurso, algum benefício, para poder melhor definir e melhor organizar essa cadeia produtiva da agricultura familiar.*

Entrevistador: O senhor que já tem uma história de vida realmente aqui na região, e pode acompanhar inclusive o desenvolvimento... a sua história confunde-se com a história ... né... do município, o senhor esta sempre por aqui. Como o senhor analisa as relações entre brasileiros, peruanos, indígenas, nesse espaço ali da feira municipal atualmente?

Entrevistado: *É verdade, professor, ali é uma mistura completa né. Porque por ser uma fronteira aberta, e pela proximidade do Peru e por ter acentuadamente uma*

população indígena vultuosa né, o Alto Solimões, ele tem hoje cerca de 40 mil indígenas né, o Estado do Amazonas é talvez um dos maiores pólos da etnia Ticuna, e Benjamin Constant deve ter seguramente aí seus 6 ou 7 mil indígenas só dessa etnia. Daí logo próximo Atalaia de muitas outras etnias, os matis, os kurubos, os marugos né... os Kanamaris, enfim, são nove etnias diferentes. E o peruano, que é muito próximo aqui a nós, por essa fronteira aberta que nos separa apenas uma divisão natural que é o rio Javari, ele tem uma origem cocama, né. E acho que o senhor sabe, a fronteira em épocas remotas do Peru com o Brasil é a cidade da Fé, foi já depois, Rondon que veio e fincou o marco de fronteira e Letícia, fazendo aqui esse limite de Brasil e Peru através do curso natural do rio Javari. E tão aqui habitavam na época, habitavam os Cocamos, e habitavam os Cambebas, depois outras etnias vieram né. E tão aí predominantemente hoje nessa área a etnia Ticu. Então ali se mistura tudo, é brasileiro, é peruano, é indígena, é não-indígena, né. E tudo isso faz parte de uma cultura, eu diria múltipla né, plural. E que na realidade, ali a gente vive tentando empreender espaços né, há uma reação às vezes de certa forma, de alguns brasileiros que rejeitam os peruanos porque eles falam o seguinte: ah, mas lá no Peru ninguém consegue chegar lá e montar nossa banca pra ver o nosso, não é verdade? Existe, mas a gente acaba se entrelaçando e esse comércio hoje tá muito aberto na nossa cidade, uma colônia peruana com mais de 3 mil elementos, 3 mil indivíduos. Então essa é uma realidade que nós temos que conviver. O próprio comércio que às vezes depende da economia informal, que não pagam imposto, que não pagam os direitos que os comerciantes brasileiros acabam sendo obrigados a pagar pelas nossas leis, pela nossa regra que na realidade às vezes cria até uma disfunção de lealdade comercial, de ética comercial né. Mas é uma convivência de cada dia através da Câmara de Comercio Colombiano estamos tentando amoldar e criar condições de poder caminhar em harmonia e unir um povo só.

Entrevistador: Como o senhor caracterizaria essa economia de fronteiras tendo como referencial a Feira Municipal de Benjamin Constant?

Entrevistado: *Olha professor, é... a feira ela não chega a ser assim uma coisa de grandes dimensões né. É uma feira pequena, gira uma economia talvez, não assim, larga né, um pouco ainda limitada, um pouco estreita, mas ela é um marco importante aqui na*

região. Porque primeiro, converge pra cá os produtos dos nossos ribeirinhos, das estradas, da nossa sede do município, do Peru, que eles produzem lá e colocam aqui nessa praça de venda, nessa feira, e ate em outros locais de venda, e têm a sua oferta principalmente de horifrúti granjeiro e pequenos animais e ela tem um papel muito importante na nossa realidade econômica.

Entrevistador: O senhor sabe se há algum registro é... fotos, é tenha, que a gente consiga ter acesso a esse processo, ou de construção...

Entrevistado: *Professor eu posso tentar mandar buscar nos arquivos né, encontrar os balancetes da época, porque tem farta documentação inclusive do próprio governo, eu posso tentar fazer uma busca... Nós temos desde a primeira fundação, da primeira fundição, da primeira viga, da primeira coluna, tudo isso nós fizemos aterro ali, imagem do rio mesmo, eu vou ver se eu busco pra lhe ofertar isso aí, vou pedir pra procurarem no arquivo morto né.*

ANEXO 2 - Transcrição**Áudio 2 - Entrevista Informante 2**

Entrevistador: Num primeiro momento, muito bom dia. Eu queria te agradecer pela sua colaboração, e como eu já te disse o proposito desse trabalho é exatamente a gente conhecer um pouco de como se dão essas relações de comércio aqui na região de fronteira e que forma o modo com que as pessoas falam tem influência nesse processo de realização do comércio, né? E ai no primeiro momento, assim, como o foco da minha pesquisa é a feira municipal, e como você atua hoje como (presidente – entrevistado ao fundo) presidente e é alguém que gere de certa forma, que desenvolve a gestão daquele ambiente, acho que você deve ter essas informações que poderiam muito contribuir pra gente. Então, no primeiro momento eu gostaria que você se identificasse, falasse o teu nome completo, o que você faz, a quanto tempo mora aqui, se é natural daqui ou não, pra gente ficar registrado.

Entrevistado: *Meu nome é James Batista Ferreira, eu sou natural de Benjamim Constant, é... Eu trabalho na feira a mais de, mais de 10 anos, desde quando o mandado do Amauri, o primeiro mandado comecei lá, e ficando lá eu fiquei como vice-presidente e agora eu sou o presidente dos feirantes, lá...*

Entrevistador: Ok... É, a gente observa a organização da, da feira... quantos boxes contém a feira hoje funcionando?

Entrevistado: *Hoje tem, tem só aqueles boxes pequenos, são dezoito. dezoito ai tem as lanchonetes que são três, cinco, oito lanchonetes, oito.*

Entrevistador: Ok, outra questão: como é o processo, existe um processo, por exemplo, para as pessoas terem acesso àquele box? Digamos, por exemplo, que hoje eu tivesse interesse em conseguir um box, qual o procedimento? Como que funciona?

Entrevistado: *Hoje não tem nenhum box disponível, mas, assim, se eu não vou mais trabalhar lá eu chego lá com o rapaz que é o fiscal e entrego, olha, eu não vou trabalhar mais, vou entregar pro fiscal aí o fiscal chega lá e tem aquela se chama aquela pessoa, se quiser...*

Entrevistador: Tem os dezoito box's né? Então são dezoito pessoas que são não vou dizer que são proprietárias, que usufruem que tem o direito de usufruir dos box's, né? Dos seus produtos, da venda dos seus produtos. É... existe alguma exigência, por exemplo, em relação à nacionalidade? Só pode lá usar os box's quem são brasileiros ou peruanos também podem, ou indígenas ou...?

Entrevistado: *Não, pode sim. Só poderia o peruano que tivesse com uma mulher brasileira ou um brasileiro que tivesse com uma mulher peruana, esse podia. Mas como tem muito peruano que já faz muito tempo que mora aqui já, né? Tá quase como brasileiro, aí alguns tem box lá.*

Entrevistador: Hoje, por exemplo, você tem esse dado de quantos box's são de brasileiros, quantos são box's de peruanos, você tem essa...?

Entrevistado: *Eu posso ver na minha contagem aqui?*

Entrevistador: Eu espero (...).

Entrevistado: *São cinco, seis, seis box's até agora.*

Entrevistador: 6 box's? 6 box's de peruanos, ok. E esses seis box's, então são seis box's de peruanos, então doze box's são de brasileiros?

Entrevistado: *Isso.*

Entrevistador: Desses box's de brasileiros, há algum de indígenas?

Entrevistado: *Tem, tem muitos indígena agora trabalhando, porque agora os indígenas, eles não podem trabalhar no box, eles preferem trabalhar fora. Eles, antes, eles não queriam nem colocar na mesa, queriam colocar o produto no chão, aí a gente veio falando com eles que colocassem em cima da mesa, era melhor do que ficar colocando no chão.*

Entrevistador: É uma questão cultura, né?

Entrevistado: *É. Aí hoje alguns estão colocando, mas eu ainda fico meio... Mas tem muito indígena trabalhando.*

Entrevistador: Mas nos box's tem algum?

Entrevistado: *Nos box's tem.*

Entrevistador: Quantos você acha? Dá pra contar?

Entrevistado: *Dentro do box mesmo não tem, assim, nas mesas, mesas. Fizeram umas mesas assim, grandes. Vou lhe dizer quanto tem. Tem seis também, seis.*

Entrevistador: E como são dezoito, então tem-se uma ideia de que mais seis seriam...

Entrevistado: *É porque esses seis já não usam box, eles usam mesas.*

Entrevistador: Ah, eles usam mesas. Mas dentro da feira?

Entrevistado: *Dentro da feira, aquela beirada da feira, aquela beiradinha.*

Entrevistador: “Aham”, então eles usam mesas, não box?

Entrevistado: *Nãobox's, mesas.*

Entrevistador: Ah, tá. Então desses box's, nós temos esses seis que são peruanos, e o restante são todos...?

Entrevistado: *Brasileiros.*

Entrevistador: Não há nenhum indígena nos box's?

Entrevistado: *Não, eles não querem, eles falam, eles querem ficar na mesa. Na mesa pode escapulir um pouco, eles já querem colocar no chão, eles querem tá ali, porque eles acham que ali é ruim demais.*

Entrevistador: Ah, entendi.

Entrevistado: *Eles mesmos que não querem.*

Entrevistador: Interessante isso. E quais são geralmente os produtos que esses, que os peruanos vendem, por exemplo?

Entrevistado: *Eles vendem de tudo. Tudo o que eles vendem mais, (...) uma banana, um cheiro verde, assim, é... mamão. Por exemplo, cada um tem que vender (...) vem maçã, vem uva, de tudo eles vendem. Tudo, tudo.*

Entrevistador: Os produtos, esses produtos que os indígenas vendem, eles são mais esses produtos de, que eles produzem mesmo ou eles também compram de outros e vendem? Porque os peruanos a gente tem uma noção de que eles compram e revendem, né? Mas e os...?

Entrevistado: *Esses que trabalham na feira, eles compram pra revender. Esses que estão trabalhando aí. Agora os outros deles, quando daqui a mais uns dias que, trabalhando aí, eles já vão plantar melancia. Aí eles vão trazer o produtos deles mesmos, que ele plantou, mais é melancia. Época da melancia e o rio tá cheio, eles não vão, eles ficam trabalhando na feira, e eles, quando o rio tá secando, eles vão plantar na roça né, que é a mandioca que eles gostam e a melancia.*

Entrevistador: Então, de um modo geral, assim, considerando todos os vendedores ali, tanto considerando os box's como considerando as mesas, que seriam seis mesas, existem bancas nas mesas de ticuna, não é isso?

Entrevistado: *Isso.*

Entrevistador: E considerando a população geral de quem trabalha ali na feira vendendo seus produtos? Na tua observação desses dez anos, qual é a predominância? É do brasileiro, é do ticuna ou é do peruano? Quem tem mais (...), quem vende, assim, (...) maior número de vendedores?

Entrevistado: *O mais número é brasileiro, é brasileiro. Agora o que dá mais produtos mesmo "é" os peruanos.*

Entrevistador: Mas desses brasileiros que vendem, né, dos vendedores ali, o maior número deles são brasileiros indígenas ou não indígenas?

Entrevistado: *Não indígena.*

Entrevistador: Não indígena é o maior número?

Entrevistado: *O indígena também tem (...) que eles vendem, mas são já os produtores. Tem um monte de produtor também de indígena trazendo, eles trazem.*

Entrevistador: Mas, então, exatamente esse é um dado importante, né? Os produtores ali, que nós podemos dizer que são produtores mesmo, são os indígenas, esses são os produtores?

Entrevistado: *Aí também eles trazem de tudo, traz galinha, traz goiaba, traz remédio, traz de todo, todo... o que “tiver” dando eles “tão” trazendo, trazem o que eles tem.*

Entrevistador: Esses indígenas, eles são só nosso aqui, ou também temos indígenas peruanos?

Entrevistado: *Nós temos indígenas peruanos também.*

Entrevistador: Que vem junto...?

Entrevistado: *É, vem também. Tem a época de... daqui há uns dias temos foco de cheiro verde aqui, aí já vem o indígena de Rondinha, que é Peru, e traz muito cheiro verde, ele produz muito e traz pra cá. A gente já não tem já o nosso indígena aqui, (...) ele não gosta de plantar assim, cheiro verde, aí já vem um lá de Rondinha, mas são Ticuna também, são cruzados.*

Entrevistador: Então a venda desses produtos, dessas especiarias por exemplo, né, o cheiro verde, essas verduras e “tal”, o Ticuna brasileiro, ele não gosta de plantar?

Entrevistado: *Não gosta de plantar.*

Entrevistador: Aí os Ticunas peruanos trazem e vendem ali? Eles vendem ali na feira mesmo?

Entrevistado: *Vendem ali na feira. Eles vendem ali mais por um monte de banco, aí como sobra eles tem que vender, aí o pessoal compra e vai revender.*

Entrevistador: Muito interessante, então a gente pode dizer que á uma cadeia de uma seguinte forma: Produtores, nós temos os indígenas que são: Ticunas, Brasileiros e Peruanos, esses daqui são mais voltados na produção das especiarias como cheiro verde, couve essas coisas né... E o brasileiro fica mais banana... cheiro...

Entrevistado: *Isso, no que tiver dando, por exemplo, essa época é mais ingué, iame e o que tiver dando eles trazem. Aí de segunda feira, toda segunda feira chega os produtores, produtores Peruanos, sem ser indígenas, aqueles que chegam naqueles barcos, eles trazem muitas bananas, trazem couve, trazem galego, aí eles já são*

produtores peruanos mesmo, encostam aqui e levam pra Benjamin Tabatinga, que ai eles trazem, bananas, galinha, carneiros, porcos, eles trazem tudo.

Entrevistador: Isso já costumeira há muito tempo?

Entrevistado: *Há muito tempo em relação irrealidas. Toda segunda-feira eles estão aqui, como eles plantam em Javari eles só chegam aqui pro um dia pro outro, dia de segunda, eles saem de lá no domingo, porquê de sábado eles não trabalham né, ai eles saem no domingo e chegam no mercado ao domingo ai eles vem domingo e segunda, aí bom... Terça a gente já vão subir de novo, eles moram lá no terrestre (risada).*

Entrevistador: E como funciona essa comunicação de vocês com eles, é tranquila? Já falam, né?

Entrevistado: *É tranquila, a gente já entende algumas palavras do tipo “noi é” entendeu? Também... do... É mais fácil né? Quanto mais acostumado, mais entende mais.*

Entrevistador: Hummm eu sei... E com relação à questão de dinheiro, circula também o dinheiro... o peso também circula?

Entrevistado: *Circula o peso, o soles, e também é só mais o peso e o real mesmo, por que o soles o pessoal diz que é baixo então o pessoal não quer receber.*

Entrevistador: Mais assim ainda ele também circula.

Entrevistado: *Também, a gente... tem 3 moedas... traz o dólar, tem o real o peso e tem o soles né. Ai sai essas moedas ai que a gente recebe né.*

Entrevistador: Hummm interessante, e o processo comunicativo é aquela coisa né? O Brasileiro fala português, ele fala o dele e cada um tenta entender.

Entrevistado: *Isso (risos) tenta entender*

Entrevistador: E na feira nas relações comerciais assim, o..., circula ao venderem, né? o... os peruanos ao venderem é o mesmo processo? Cada um tenta se entender?

Entrevistado: *É o mesmo porque, o Ticuna ele vem mais, ele pode trazer a galinha, a farinha, vamos dizer... ai a banana, então a gente já sabe que eles chamam, é... A banana de Poi, a farinha de Oi e a galinha de Opá, ai o produto que eles trazem mais, um monte de produto, já pode ir lá e já vai conhecer.*

Entrevistador: Então na verdade, nós é que sempre buscamos uma forma de nos comunicar com eles né?

Entrevistado: *É verdade (risos)*

Entrevistador: Buscam ao entender como é que eles falam pra gente né...

Entrevistado: *Sim, na verdade eles vão ensinando para a gente, pra gente poder chegar, ai eles chegam com: noís, daqui, opá, é isso... ai a gente vai chegando e ... (risos)*

Entrevistador: Uhum, muito interessante isso, é um processo muito interessante. Então é, a feira chama-se feira do produtor?

Entrevistado: *Do produtor, isso.*

Entrevistador: Mais a gente percebe que vai, além disso, porque além dos produtos que vem, quando você coloca essa questão dos Peruanos, mais também os produtos industrializados que também são vendidos lá, enlatados, que também não limita-se somente a produtos agricultura familiar... vamos supor?

Entrevistado: *Não...*

Entrevistador: A feira também extrapola esse... Essa venda de produtos né?

Entrevistado: *Isso.*

Entrevistador: Poxa mais que interessante, eu achei isso fantástico essa questão dos produtores peruanos, isso é algo que é constante, segundas, segundas e domingo que eles veem?

Entrevistado: *Isso, eles chegam aqui e deixam um pouco do produto e levam um pouco pá Tabatinga e divide, deixa um pouco aqui e leva pá Tabatinga... aí terça feira eles já vão subindo para Javari para trabalhar, porque no domingo eles já estão de volta, vão comprar o produto, vão tirar produto, vão... e é muita gente*

deles... eles que seguram a produção deles aqui e em Tabatinga, bananas aqui eles trazem muito.

Entrevistador: Então a produção dos nossos aqui eles são bem pouco?

Entrevistado: *Bem pouco, bem pouco.*

Entrevistador: Os nossos aqui, geralmente vem de onde? São das comunidades?

Entrevistado: *É, comunidades, daqui para a estrada eles tem muito produto, chego lá eles oferecem mais eles não tem acesso para trazer, estraga muito. No verão agora eles trazem, chegou agora um caminhão cheio de produtos deles, eles trazem...*

Entrevistador: Ta ok. Essas, só para gente encerrar, esses peruanos, vamos depender de peruanos, quando vocês estão box, existem registro, deixam o registro né, eles são registrados, as pessoas que estão ocupando (Ruídos) ...e a partir desse registro para entrar outra pessoa somente se alguém não tiver mais interesse.

Entrevistado: *Exatamente.*

Entrevistador: Hoje não há mais disponibilidade desses box, só se alguém desistir.

Entrevistado: *Isso.*

Entrevistador: Mas paga algo por mês?

Entrevistado: *Não, ai temos a feira, só paga o guichê e a zeladora, porque a feira é pago pela a prefeitura. Ai ele arregrada o dinheiro que dá para pagar p guichê, e o que sobra para comprar uma tela de limpeza também, esse é uma taxa que ele cobra R\$ 13,00 o box por final de semana, e fora (...) que tem um rapaz que cobra R\$7,00, que é o fiscal.*

Entrevistador: Mais os donos box's pagam esses R\$ 7,00, exatamente pela a manutenção, vigia...

Entrevistado: *Isso... Eu pago R\$: 13,00 que é para pagar o guichê e a zeladora para manter a limpeza, passar uma vassoura.*

Entrevistador: Ah sim, e tu que já esta esse tempo todo lá, mais de 10 anos, antes já trabalhava com feira e tudo. No seu ponto de vista cultural, o fato de estar essa mistura entre ticuna, peruanos e brasileiros tu consegues visualizar assim como pessoa a adaptação de alguns desses hábitos deles, algum modo de falar, você percebe que passa pra gente?

Entrevistado: *Passa, a querer se comunicar assim com eles? ...*

Entrevistador: Aham.

Entrevistado: *Passa. (risos)*

Entrevistador: E partir desse momento você percebe que tu, sem perceber, tu já está fazendo em virtude assim, nas coisas que eles já fazem, por exemplo, vamos supor que ,acho que muito comum, to aqui na faculdade eu bato na porta do meu patrão e ao abrir ele fala “ordem”, porque que ele fala isso? (risos) já é uma influência...

Entrevistado: *Influência (risos), exatamente.*

Entrevistador: Mais e você, se vê às vezes falando relacionado á...

Entrevistado: *em relação a esse de ordens, às vezes eu chego na feira e já pergunto “orégano” que na linguagem deles significa, quanto é que custa, quanto é, ai o cara vem “o que é que você ta falando?” ai eu “ quanto é que o preço ai”.*

Entrevistador: Porque você já está tão acostumado a falar com eles né.

Entrevistado: *Quando eles chegam com o produto a gente já pergunta “quanto orégano”. Ai eles dizem em nossa língua (risos).*

Entrevistador: Ah então possui essa troca, interessante.

Eu estava vendo esses dias, eu não sei se é, se foi a partir do ano passado, eu vi uma, tipo uma quadrilha que foi realizada lá, eu achei interessante, tipo assim... eles participam, os peruanos, tipos assim, eles participam?

Entrevistado: *Participam, eles são animados, até esse ano que eles não ponderam fazer problemas tipos assim, não ajudaram. Mas eles participam, eles são animados, até os colombianos vem para participar, entram na brincadeira.*

Entrevistador: Olha que massa, e os ticunas? também participam?

Entrevistado: *Também participam, eles querem dançar, pular, participam mesmo.*

Entrevistador: Muito interessante essa troca.

Mas olha muito obrigada viu? Com certeza essas suas informações serão muitos interessantes para mim, porque tem alguns dados aqui que a gente não tinha essa por exemplo da... Produtores peruanos assim, muito interessantes, são duas cabeças de produtores que nós já temos, produtores indígenas e ticunos e os produtores peruanos.

E brasileiros a gente tem também produtores?

Entrevistado: *Temos.*

Entrevistador: E eles produzem o que?

Entrevistado: *Eles produzem farinha, banana, o brasileiro ele planta de tudo, eles vão trazer muita melancia nessa época de seca... Santa Luiza é o lugar onde mais trás melancia.*

Entrevistador: São Jose é maracujá?

Entrevistado: *Sim, maracujá. E hoje eu estava conversando com o rapaz de lá, é, agora eles vão plantar melancia.*

Entrevistador: Ok, poxa, você não tem noção de como foi importante essa suas informações.

Gostaria muito de te agradecer de ter dado esse seu tempo para mim, eu sei que você tem o seu trabalho, então eu gostaria muito de te agradecer. Brigadão tá?

Entrevistado: *Precisando nós estamos ai.*